

MARIA BEATRIZ BUENO DOMINGUES

*O feminino na psicanálise: discussões a partir do pensamento  
freudiano e um caminho para sua positivação.*

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia  
Clínica: Teoria Psicanalítica

Telefone: (14)997153706

E-mail: [m.beatrizbd@hotmail.com](mailto:m.beatrizbd@hotmail.com)

Registro Acadêmico: 00200547

**Orientadora: Profª Ada Morgenstern**

COGEAE – PUC/SP

2018

*Rosa*  
*(Cecília Meireles)*

*Vim pela escada de espinhos.*  
*(Mais durável esse esforço que o esplendor.)*

*Depois de ascensão tão longa,  
qualquer vento, qualquer chuva  
converte-me em queda e pó.*

*Quando se vê a coroa  
que eu trazia, já não sou.*

*Entre espinhos e derrotas,  
qual é meu tempo de flor?*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO: Freud e as mulheres .....</b>	<b>1</b>
<i>Situando o feminino e a feminilidade .....</i>	4
<b>2. HISTERIA .....</b>	<b>7</b>
<b>3. MATERNIDADE .....</b>	<b>13</b>
<i>Outras leituras sobre a maternidade: na mãe, a mulher .....</i>	17
<b>4. ENIGMA: O lugar do corpo enigmático e repudiado .....</b>	<b>20</b>
<b>5. ESPECIFICIDADE DO PSIQUISMO FEMININO .....</b>	<b>28</b>
<b>6. OUTRAS LEITURAS .....</b>	<b>33</b>
<i>Psicanálise e as ondas dos feminismos .....</i>	34
<i>O feminino positivado .....</i>	41
<b>7. (IN)CONCLUSÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>48</b>

*O feminino na psicanálise: discussões a partir do pensamento freudiano e um caminho para sua positivação.*

**Maria Beatriz Bueno Domingues**  
**Orientadora: Ada Morgenstern**

## **1. INTRODUÇÃO: Freud e as mulheres**

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência (...). O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (Beauvoir, 1949/2016, p. 23)

As inquietações a respeito do feminino há muito tempo permeiam diversos âmbitos da cultura, como a literatura, a própria teoria psicanalítica e também os conteúdos discursivos de analisantes nos consultórios. Ao ser designado como fraco ou o segundo sexo, conforme descrito por Beauvoir (1949/2016), o sexo feminino ficou relegado à posição de contraponto ao masculino. Designações estas, que pautam o feminino como secundário ao homem, estão se tornando cada vez mais insuficientes diante das grandes mudanças implicadas ao papel social da mulher.

O que não pode ser esquecido ao se levar em conta o lugar da mulher e a conceptualização do feminino na obra freudiana é seu contexto político. Os dois principais momentos de discussão a respeito da feminilidade se deram nas décadas de 1920 e 1970, períodos em que o movimento feminista também era crescente. A história da psicanálise não é apenas a história de uma corrente científica, mas também de uma construção social e cultural - pertencente a uma determinada época, na qual alguns saberes imperavam sobre outros - sobre a escuta, a loucura, o sexo e as mulheres.

Também não podemos esquecer que, tendo um lugar em uma determinada época, e em contingência com as normas sociais vigentes nessa datação, toda discussão será, sempre, política. Inculcar as diferenças entre homens e mulheres na biologia é um ato político, e mesmo a afirmativa de que a mulher e o homem são iguais é, também, uma afirmativa política. As transformações acerca das considerações sobre a mulher desenvolvem-se em um cenário social, no qual determinados espaços são considerados adequados para serem ocupados pelas mulheres.

De que vale dizer ou reproduzir que as mulheres são castradas ou fadadas à inveja do pênis, e consequentemente à busca de sua obtenção? De que vale dizer que as diferenças entre os sexos são biológicas, ou que a mulher e o homem são iguais, num contexto em que os papéis desempenhados por cada um eram claramente desiguais? As palavras são políticas, não em sua natureza, mas em seu uso e em sua subversão. Seria muito simples, porém muito equivocado, somente classificar constructos teóricos como bons ou ruins, progresso ou retrocesso. Seria extremamente simplista dizer que Freud contribuía para reforçar a repressão e submissão femininas. Existem inúmeros fatores determinantes para a construção de conhecimento, e um determinado saber também produz efeitos sociais. É dessa maneira que relaciono o surgimento do movimento feminista e a consolidação do saber psicanalítico. Que questionamentos sobre a ordem social eram engendrados por cada um deles? Será que uma tendência não abre espaço para outra?

A psicanálise se descreve, desde seus primórdios, como um saber subversivo. De fato, boa parte da instalação da psicanálise na cultura se dá a partir de colocações que vão contra a norma. No entanto, a psicanálise enquanto saber e enquanto prática social não é, necessariamente, subversiva (como no caso Amilcar Lobo, por exemplo). Por isso, com a marca que carregamos de um caráter de subversão, muitas vezes não questionamos a canonização de um conceito ou prática (Ambra, 2016).

Em seus estudos sobre a história da sexualidade, Foucault (1988) discorre sobre a existência de um controle da sexualidade que não é apenas negativo e repressor, mas também ativo e produtor de saberes sobre a mesma. O chamado dispositivo de sexualidade diz respeito à produção de saberes sobre

o sexo incitada por saberes e poderes produzidos constantemente. A partir desses discursos produzidos sobre o sexo, a ciência se insere, assim, na vida privada dos indivíduos e torna-se parte de seu cotidiano. Ao contrário de uma censura sobre o sexo, constrói-se uma aparelhagem para produzir cada vez mais saberes sobre ele, cada vez mais discursos. O sexo se torna, dessa forma, algo a se regular e gerir; fica sujeito ao olhar científico a partir de discursos advindos da medicina, da pedagogia, etc. O próprio sujeito é afastado de uma posição de saber a respeito de seu próprio corpo, e a ciência ocupa a posição de saber mais e melhor. É a partir disso que se criam as distinções entre normal e patológico.

Qualquer construção, seja ela sintomática ou pertencente à chamada normalidade, é engendrada por seu contexto histórico, social e político, e está inserida em um determinado campo de produção de saber e poder. A neurose, e particularmente a histeria, explicitam desse engendramento. A partir da modernidade e da ascensão da classe burguesa, as amarras sociais do antigo regime se afrouxam, os sujeitos sentem-se mais libertos para escolher. Ocorreram reformas ideológicas a respeito do casamento e das relações familiares, e as produções literárias ganharam, na época, uma grande influência sobre a produção das subjetividades. Diante das novas demandas sociais, surge o sujeito neurótico que seria, então, característico à modernidade (Kehl, 2016). A neurose é uma resposta frente aos conflitos surgidos com as novas demandas sociais. É construído um imaginário de acordo com tais produções literárias românticas, que eram recheadas de mulheres vivendo aventuras e possibilidades. As mulheres da época, que liam, mas não viviam tais aventuras, percebem a vida limitada ao lar como insuficiente, e são justamente as histéricas que denunciam sua insuficiência.

É conhecido o caráter indispensável das histéricas à construção da psicanálise; por isso, importa levar também em conta o contexto que possibilita tanto a emergência da histeria, quanto a criação de um método de tratamento que privilegia a escuta dessas mulheres. As mulheres modernas pacientes de Freud ansiavam por espaços a ocupar, aventuras a viver que eram, até então, limitados aos homens.

## *Situando o feminino e a feminilidade*

Nenhuma descrição da psicanálise pode estar completa se não se trata de abordar seu pai fundador, Sigmund Freud. Apesar dos muitos comentários sobre sua obra, faze-lo segue uma tarefa árdua. As dificuldades têm ao menos duas origens diferentes: as funções mitológicas e fundamentadoras que a *ideia* de Freud representa na comunidade psicanalítica e a complexidade de sua obra em si. Ambivalência, ambiguidade, antinomias e paradoxos invadem suas teorias. (...) Sem embargo, os comentadores de suas obras seguem tendendo a ajustar de modo arbitrário as antinomias de suas teorias ou simplesmente a suprimir um extremo em favor do outro. Ademais, a maioria dos comentadores da psicanálise freudiana e pós freudiana tendem a ignorar ou desvalorizar os efeitos penetrantes, ainda que obscurecedores e distorcidos, do enigma do sexo sobre todas as teorias e sobre a prática da psicanálise. (Flax, 1990, p. 71)<sup>1</sup>

De acordo com Moraes e Coelho Junior (2010), desde “Estudos sobre a histeria” (1895), a problemática feminina já aparecia a Freud, mas ele pareceu evitar abordar a questão específica do psiquismo feminino. No entanto, alguns pontos revelados em seus textos permitem uma apreensão de como seria o psiquismo da mulher segundo seu ponto de vista.

Freud dedica-se especialmente à questão da mulher e da feminilidade, à qual ele chamava “enigma da mulher”, em dois textos: “A sexualidade feminina”, de 1931 e “A feminilidade”, de 1933[1932], nos quais ressalta o importante papel das relações pré-edípicas da menina com sua mãe, bem como as maneiras de posicionar-se frente à feminilidade. Para Freud (1933[1932]), a castração é um marco decisivo para a menina, do qual partem três saídas possíveis: a inibição sexual ou neurose, o complexo de masculinidade ou a feminilidade normal, esta última só se estabelecendo se o desejo de ter o pênis é substituído pelo desejo de um bebê. À feminilidade madura, nas palavras de Freud, são aludidas algumas características:

Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar. A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma

---

<sup>1</sup> Tradução nossa; grifo da autora.

tardia compensação por sua inferioridade sexual original. A vergonha (...) tem, assim acreditamos, como finalidade a ocultação da deficiência genital. (FREUD, 1933[1932]), p. 162)

Porém, as discussões a respeito do feminino e da posição da mulher na teoria psicanalista datam bem antes destes dois marcantes textos, que serão abordados com maior cuidado mais adiante no presente trabalho. A relação entre Freud, a psicanálise, as mulheres e o feminismo é intricada e complexa, e sua discussão é de grande importância. Kehl (2016) ressalta que as configurações culturais são fundamentais à produção da feminilidade. Em sua época, Freud, quando falou sobre as baixas realizações sublimatórias da mulher, deixou de problematizar o lugar que ela ocupava na cultura em que vivia. Ponto que foi bastante problematizado posteriormente, pelas psicanalistas feministas.

Segundo a autora, para superar essa leitura sobre a natureza da mulher, pode-se pensar o sujeito da psicanálise a partir da perspectiva de Lacan, que é, por definição, um ser de cultura. O conceito lacaniano de castração no Outro ressalta a permeabilidade da ordem social às intervenções significantes dos sujeitos. O modo como os sujeitos manifestam-se no discurso será significativo para as gerações posteriores. Portanto, os desdobramentos simbólicos do falo também se alteram, e os homens e as mulheres podem deslocar-se do lugar que ocupavam em relação ao discurso (Kehl, 1998/2016).

Com o advento do movimento feminista em sua força política e a maior possibilidade de acesso das mulheres ao discurso, as produções psicanalíticas sobre o psiquismo feminino sofreram modificações em relação aos autores clássicos, como Freud, especialmente. A respeito dessas produções, entre aquelas que tratam especificamente da mulher e do feminino, Moraes e Coelho Junior (2010) analisam as diferenças das produções do auge do feminismo em sua segunda onda, de 1965 a 1975, e da atualidade, já nos anos 2000. Os autores revelam que, nos textos sobre o feminino produzidos no auge do feminismo, há um esforço em situar a mulher como diferente do negativo masculino. Já as bibliografias produzidas na atualidade mostram grande preocupação com a construção da positividade do feminino, ou seja, em tecer seu estatuto próprio. Atualmente, Cromberg (2004) é uma das representantes

desse pensamento.

Há uma grande multiplicidade de produções nesse campo, que se expressa nos estudos de temas específicos à mulher, como suas angústias, patologias e mitologias próprias. A positividade do feminino aparece, então, tanto em sua estruturação independente como sexo, não secundário ao masculino, quanto à positividade do próprio órgão genital feminino (havendo espaço tanto para o prazer vaginal quanto clitoridiano).

O que é considerado como feminilidade perpassou, portanto, ao longo da história da psicanálise, por alguns constructos que envolvem e, por vezes, representaram a condição da mulher. Dessa forma, propomos, no presente trabalho, um retorno a Freud. Para tal, esta investigação se propõe a abordar algumas figuras da mulher na psicanálise freudiana – a histérica, a mãe e o enigma – e construir uma discussão posterior sobre a conflituosa e ambígua relação entre a psicanálise e as ondas dos feminismos, com o intuito de possibilitar a apreensão de reformulações e debates nas leituras a respeito do feminino no interior deste campo teórico. A partir dessas exposições, como um possível encaminhamento para os questionamentos gerados em sua execução, destacamos uma leitura sobre o feminino, com a qual concordamos, que possibilita ultrapassar a associação de mulher a falta e castração: a positividade do feminino, tal como defendida por Renata Cromberg, que sustentará o direcionamento deste trabalho e ganhará maior destaque no capítulo final.

A importância de se refletir a respeito da posição feminina no campo discursivo psicanalítico dá-se frente à influência das representações culturais sobre a mulher na perpetuação de cenários de violência, e a relevância política de gerar reflexões a respeito das representações sobre a mulher, inclusive no contexto psicanalítico, sustentando: o rompimento de cenários de opressão, a positividade do princípio feminino e a abertura de acesso das mulheres ao discurso, afastando-se de visões estigmatizantes.

Desse modo, um espaço de valorização do discurso do sujeito, conforme a proposta da psicanálise, pode ser um espaço de construção de formas criativas de posicionamento subjetivo, especialmente frente à condição de mulher, desvinculada de uma imagem submissa e faltosa, mas como uma

identidade positiva e com potencial de criação.

## 2. HISTERIA

Desejava que fosse um menino; havia de ser forte e moreno e chamar-se-ia Jorge; esta idéia de ter um filho varão era como que a desforra, em esperança, de todas as suas impotências passadas. Um homem, ao menos, é livre; pode percorrer as paixões e os países, saltar obstáculos e gozar dos prazeres mais raros. Uma mulher anda continuamente rodeada de empecilhos. Inerte e ao mesmo tempo flexível, tem contra si as fraquezas da carne e as dependências da lei. A sua vontade, como o véu de um chapéu preso pelo cordão, flutua a todos os ventos, e há sempre algum desejo que arrasta e alguma conveniência que detém. (Flaubert, 1979, p.70)

O trecho acima é do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Romance bastante conhecido, que trata da insatisfação feminina diante de seu papel social de submissão frente ao homem, durante o século XIX, no contexto europeu. De acordo com Kehl (1998/2016), toda mulher em transição para a modernidade seria uma bovarista, vivendo uma espécie de cabo de guerra entre duas tendências, o empenho em tornar-se uma outra, buscando vivências fascinantes, e a dependência em relação ao homem, e o que ele poderia desejar dela.

Destaca-se, no trecho acima, o desejo de ter um filho homem – que é livre, pode percorrer paixões e países – como uma possibilidade encontrada por Emma para superar sua incompletude, e não mais viver na falta. Ao menos com seu filho, funcionando como uma extensão narcísica de si mesma, as vivências fantásticas poderiam se concretizar. Diante desse contexto, a figura da histérica, levando em conta a demanda fálica que dirige aos homens (constantemente insatisfeita), as sintomáticas denúncias da impotência masculina diante destas, e as tentativas de manobrar o desejo ao qual se coloca como objeto, a tornaram a figura que melhor representa a mulher e seus entraves, durante o final do século XIX e o início do século XX (Kehl, 1998/2016).

No entanto, com os avanços sociais no sentido de maior liberdade e igualdade de direitos conferidos às mulheres, ainda podemos falar em histeria? A histeria se apresenta com faces diferentes, suas figuras são mutáveis.

Segundo Costa e Lang (2016), é possível pensar na expressão histérica enquanto sintoma do social, descolada de uma concepção da mesma como patologia. O sintoma social é aquele que se articula de acordo com o discurso dominante da época, como uma metáfora compartilhada do mal-estar. A histeria, enquanto reflexo de uma época, funcionaria como um paradigma das condições de seu tempo. No tempo de Freud, por exemplo, influências contemporâneas – relativismo, queda da razão, ênfase do amor e sexualidade –, pareciam tecer o campo favorável para o surgimento das manifestações histéricas, do modo que ele as apreendeu.

De acordo com Roudinesco (1998), a histeria, derivada da palavra grega *hystera*, que significa útero, matriz, é uma neurose marcada por quadros clínicos variáveis e caracteriza-se pela expressão teatral, através de sintomas corporais, de conflitos psíquicos inconscientes. Freud teorizou duas formas principais de histeria: a histeria de conversão, onde representações sexuais recaladas exprimem-se pelo corpo, e a histeria de angústia, com a centralidade do sintoma fóbico. Para além destas, acrescentam-se também, a histeria de defesa e a histeria de retenção.

A noção moderna de neurose histérica surge concomitantemente à produção de uma epidemia de sintomas histéricos no mundo ocidental, entre 1880 e 1900. É entre 1888 e 1893 que Freud forja um novo conceito de histeria, retomando a ideia da origem traumática de Charcot. Pela teoria da sedução, Freud afirma que o trauma tinha causas sexuais, sendo a histeria resultado de um abuso sexual vivido na infância. Num segundo momento, Freud abandona esta teoria da origem traumática, com uma sedução real, e elabora sua noção de fantasia e realidade psíquica.

Já em “Estudos sobre a histeria”, contribuições fundamentais são teorizadas, como o recalcamento, a ab-reação, a defesa, a resistência e, por fim, a conversão: a ideia de uma energia libidinal que poderia transformar-se numa somatização, dotada de significação simbólica. Tal trabalho marca o fim da parceria entre Freud e Breuer, já que o segundo não concordava totalmente com a teoria da etiologia sexual da histeria. Assim, em “Estudos sobre a Histeria” (1895), os autores pautam a histeria como originária de uma fonte da qual os pacientes não podem, ou relutam, em falar, ou à qual nem mesmo

conseguem ter acesso. Tal origem seria o trauma psíquico na infância, recalcado e inconsciente por seu caráter insuportável. No entanto, na separação entre o afeto e a representação, a quantidade livre de afeto voltava-se ao corpo. Pela hipnose, os pacientes acessavam a lembrança traumática, o que aliviava os sintomas.

É relevante levantar, agora, a maneira como a mulher e as questões relativas ao feminino são abordadas ao se teorizar sobre a histeria. Em 1900, em “A interpretação dos sonhos”, o conflito psíquico é reconhecido por Freud como a verdadeira causa da histeria. A conversão, nesse ponto, devia ser encarada como um modo de realização de desejo – desejo este, sempre insatisfeito (ROUDINESCO, 1998).

O relato da análise conduzida com Ida Bauer, com o pseudônimo de Dora, redigido por Freud em 1905, torna-se o compilado princeps sobre a histeria na concepção freudiana. Na cena do beijo de Dora, Freud (1905), introduz a noção do corpo para o prazer que concerne à histeria, mesmo que a esse prazer estejam colocados diversos obstáculos. Nesse primeiro sintoma, no formato de uma evitação fóbica de homens envolvidos em conversas animadas com alguma mulher, o que é inconscientemente evitado é a entrada em contato com a excitação sexual. Desse modo, Freud denota que o deslocamento afetivo para uma determinada parte do corpo, na conversão, não é aleatório, mas guarda uma conexão simbólica com o motivo de tal deslocamento.

Nos anos 1890, Freud, em suas pesquisas, defendia cada vez mais a importância de fatores da vida sexual na etiologia da histeria. O leito conjugal, para Breuer e Freud, era onde a grande maioria das neuroses graves tinham sua origem: seja por uma sexualidade brutalmente despertada pelo marido, ou por sua impotência. Tais construções eram um reflexo do modo como a vida sexual dava-se na época, com fortes doenças venéreas, coito interrompido como contracepção, os pais que seduziam suas criadas, a intensa repressão sexual feminina. Para tais mulheres, o casamento torna-se a saída para suas mazelas, mas, diz Freud, que essa saída para satisfação dos desejos é ilusória (Appinagnesi & Forrester, 2010).

As cenas de sedução tornam-se o lócus das neuroses. A neurótica

testemunha os perigos e potencial patogênico do campo social. A histeria forma dois conjuntos de imagens: a moça sacrificada e dedicada à vida doméstica, cuidando das outras pessoas (como Bertha Pappenheim), e a jovem rebelde, personificação das indecências morais (como Fanny Moser, Ida Bauer). Porém, esses dois tipos de mulheres estão contidos em uma mesma, ou seja, sempre coexistem, e é esse o conflito: a histérica sofre com seus desejos imorais, os repudia e reprime, já que são incompatíveis com seus ideais (Appinagnesi & Forrester, 2010).

A sedução sexual na infância como fator causal das neuroses, por sua vez, aspecto fundamental e polêmico dos estudos freudianos à época de “Estudos sobre a histeria” (1895), distingue-se em duas facetas: experiências de natureza passiva, de desagradáveis, causadoras da histeria; e experiências ativas, prazerosas, causadoras da neurose obsessiva. Ativas, no caso dos meninos, e passiva, no caso das meninas. Para Freud: “A natural passividade sexual das mulheres explica o fato de elas serem mais propensas à histeria” (Freud, 1896 apud. Appinagnesi & Forrester, 2010, p. 575). Aos homens, maior propensão a sentimento de culpa, às mulheres, maior propensão ao medo, à repulsa ao desejo e vergonha das próprias produções mentais.

Colocava-se em pauta, nessa medida, a explicação das neuroses a partir de zonas erógenas ativas na infância. Freud começa a definir a perversão como a predominância, na vida adulta, do prazer por zonas erógenas parciais, não genitais, como a boca e o ânus. Essa teoria, porém, não abria muito espaço para a diferença entre os sexos. No entanto, nesse bojo, numa discussão a respeito do recalque dessas zonas de prazer, o clitóris é mencionado como uma das zonas de prazer a ser abandonada:

É provável que esses impulsos de desenvolvimento tenham uma ordenação cronológica diferente nos sexos feminino e masculino. (A repugnância aparece mais cedo nas meninas do que nos meninos) Mas a distinção principal entre os sexos surge na época da puberdade, quando as meninas são tomadas por uma repugnância sexual não-neurótica, e os meninos, pela libido. Isso porque, nesse período, extingue-se nas meninas (total ou parcialmente) uma outra zona sexual que persiste nos meninos. Refiro-me à zona genital masculina, a região do clitóris, na qual, durante a infância, verifica-se que a sensibilidade sexual se concentra, também nas meninas. Daí a onda de vergonha que a menina exibe nesse período – até que a nova zona vaginal seja despertada, espontaneamente

ou por ação reflexa. Daí também, quem sabe, a anestesia nas mulheres, o papel desempenhado pela masturbação nas crianças predispostas à histeria, e a interrupção da masturbação quando sobrevém a histeria. (Freud, 1897/1986 p. 281)

Mulheres, sedução, abuso, sexualidades reprimidas, casamentos infelizes, confinamentos sem saída. Em meio a essas mazelas, o olhar e a escuta de Freud voltam-se às histéricas, que denunciam, portanto, algo próprio de seu tempo. Seus sintomas e modos de subjetivação moldam-se de acordo com as características da cultura e das formas de laço social. Segundo Alonso (2011), as histéricas estão em sintonia com o ambiente para o qual se apresentam. Constroem suas máscaras com materiais próprios de sua microcultura, e reproduzem aquilo que circula como representação coletiva, não somente o que seria próprio a suas problemáticas pessoais. Na identificação histérica, nesse sentido, há um comum que consiste numa reivindicação etiológica; e as histéricas expressam, por seus sintomas, vivências de toda uma série de pessoas.

Assim, na atualidade, as figuras de Emma Bovary e Dora, dão lugar, por exemplo, às anoréxicas, que desvelam uma propriedade deste tempo. Sobre essa marca da histeria, Alonso e Fuks escrevem:

A possibilidade camaleônica da histeria faz com que ela se transforme com o tempo. Conhecer a sua história nos informa sobre os valores das diferentes épocas e sobre o éthos predominante, mas também sobre o que, em cada um dos momentos, é censurado. Mostram-nos as representações que no imaginário social prevalecem sobre os homens e as mulheres, informando sobre o lugar que a sexualidade ocupa em cada momento e sobre o seu recalcamento. Tentar saber sobre a histeria nos faz margear entre o corpo e a psique, mas nos faz margear igualmente entre o indivíduo e o entorno, entre o singular e os discursos culturais. (Alonso & Fuks, 2015, p. 20)

De maneira geral, é possível pensar que existem patologias da atualidade, ou seja, modos de subjetivação próprios da cultura contemporânea. Hoje, o discurso contemporâneo é marcado pelo culto aos corpos femininos frágeis e magros. A estética desempenha importante papel, e o ideal de beleza atual exige a magreza e o controle do peso. Assim, segundo Berg (2008), a comida assume valor singular; se antes a moralidade ligava-se à sexualidade, hoje, o controle passa pela alimentação. É nesse cenário que aumentam as incidências

de transtornos alimentares, em suas mais variadas formas – inclusive a compulsão alimentar. Portanto, diante da plasticidade assumida pela histeria diante de microculturas diversas, e sua relação com o olhar e o desejo do outro, essas duas categorias são passíveis de interlocuções e sobreposições.

O corpo feminino está em pauta, mas, ao se tratar da histeria, e especialmente da histeria de conversão, teorizada por Freud, o corpo já ocupava o lugar de excelência para a expressão de conflitos psíquicos. Trata-se, aqui, do corpo erógeno, libidinizado na infância pelos investimentos nas zonas erógenas. Sobre a histérica e sua experiência no corpo, Freud escreve “(...) nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta”. (Freud, 1893)

As sensações físicas em jogo, portanto, teriam causalidades ou significados psíquicos. Sobre isso, Alonso e Fuks (2015):

A histérica implica-se nas situações por meio do corpo, afeta-se pelo corpo. O registro das posições do corpo é o lugar de referência pelo qual se compromete, sente a situação, ou seja, pela qual lhe dá sentido: quando não consegue processar, por essa via, o que lhe diz respeito, não sente ou, de alguma maneira, ‘tira o corpo fora’. (Alonso & Fuks, 2015, p. 130)

O corpo erotizado, pulsante da histérica – que lhe outorga sua capacidade de somatizar - carrega, em seu âmago, aquilo que justamente mantém oculto: o corpo morto, dessexualizado, o mero organismo. Esse corpo da criatura é o que ameaça a histérica e representa a lacuna, o apagamento: está prestes a cair do mundo humano. Com sua máscara produzida a partir de materiais advindos do que é culturalmente estabelecido, esconde-se o corpo imperfeito, corpo de falhas. Recobre-se, portanto, essas falhas: com cuidados estéticos excessivos ou amor excessivo (Alonso, 2011). O corpo da histérica, que desafia a anatomia a partir das vicissitudes do inconsciente e do desejo, é um ponto marcante para a leitura a respeito da feminilidade a ser apresentada mais adiante, no presente trabalho: de uma feminilidade atrelada à anatomia. Em breve retornaremos à discussão a respeito da anatomia.

### **3. MATERNIDADE**

Como falar da maternidade em Freud? A partir de que construções freudianas podemos abordá-la? Muito foi dito a respeito da maternidade e da figura materna. Uma das construções a seu respeito está relacionada ao complexo de Édipo e à castração e, com estes, a assunção da sexualidade. Os percursos do menino e da menina em direção à resolução do complexo de Édipo são distintos, e também o é como a mãe aparece em cada um deles. Apesar de não equivalentes, tanto menino quanto menina têm a mãe como primeiro objeto amoroso, mas o destino desse vínculo e a vivência da castração são distintos para cada um deles.

Nos meninos, o complexo de Édipo se dissolve sob o efeito da castração e, nas meninas, o caminho é mais tortuoso, a castração é o que o introduz. Com a constatação da castração materna e a consequente desvalorização da mãe, a menina entra na segunda fase do Édipo, de amor ao pai, na esperança de obter dele um pênis ou outro substituto à sua altura, um bebê, que sua mãe não pode lhe dar. É na segunda fase do Édipo que a menina descobre a vagina e sua função sexual, devendo abandonar os prazeres obtidos com a manipulação do clitóris (fálica) e, ao identificar-se com a mãe, constrói valências sedutoras para encobrir a castração (André, 1998).

A relação com a mãe não será, no entanto, abandonada pela menina, mas marcará suas relações posteriores com o pai, seu parceiro e, especialmente, com a maternidade. Detida nessa relação, as mulheres não fazem uma troca verdadeira do objeto de amor. Mesmo com as valorosas elaborações teóricas feitas por Freud a respeito do materno já em “Estudos sobre a histeria”, é somente em 1931 que ele denota o papel dessa relação pré-edípica com a mãe, fundamental ao processo de ascensão à sexualidade feminina (Freud, 1931). Evidencia que a relação da mãe com a filha assume formas específicas, de grande intensidade. Já é intensa - conflituosa, pode-se dizer - a relação primária da filha com a mãe, de apego ambivalente, expressada em desejos orais, sádico-anais e fálicos. Trata-se de um amor que demanda exclusividade, propenso a ciúmes possessivos. Coexistem fantasias prazerosas e intensas vivências persecutórias, que expressam a ambivalência e hostilidade que

impregnam esse vínculo (Freud, 1931).

De acordo com Freud (1931), o desprendimento desse vínculo pré-edípico realiza-se sob o signo da hostilidade, no entanto, é de importância fundamental:

O afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso do desenvolvimento de uma menina. Trata-se de algo mais do que uma simples mudança de objeto. Já descrevemos o que nele acontece e os muitos motivos apresentados para ele; podemos agora acrescentar que, de mãos dadas com o mesmo, deve ser observado um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos. (Freud, 1931)

Para Freud, “a vinculação à mãe termina em ódio” (Freud, 1933). Como se dá a ascenção à sexualidade feminina, então? A filha demanda amor à mãe, mas o vínculo deve ser barrado, e o que resta desse afastamento é ódio e hostilidade. É neste ponto que o complexo de castração ocupa lugar fundamental no processo de ascenção à sexualidade feminina; é o encarregado de tornar possível a mudança de objeto da mãe para o pai. A castração, para a menina, é vivida como um fato consumado, e não uma ameaça, como para o menino. Diante da constatação da diferença sexual ao notar a ausência de pênis em seu corpo, sente-se injustiçada e, consequentemente, inferior àqueles que possuem um pênis. O clitoris é visto, então, como um pequeno pênis, e a esperança é de que, quando adulta, esse pequeno pênis cresça e se desenvolva, o que Freud chama de complexo de masculinidade.

A menina constata: nem todos são dotados de pênis. Diante da ausência de pênis da mãe, atribui a ela a culpa por ser, também, castrada. Culpa a mãe por tê-la trazido ao mundo como mulher, hostiliza-a. A inveja do pênis a leva a assumir uma nova posição: passa a um novo objeto e a uma nova zona erógena, ingressando, após o complexo de castração, no complexo de Édipo. Isso se dá porque a inveja do pênis só é tolerável mediante a esperança de receber uma compensação daquele que efetivamente possui um pênis, seu pai. Um filho, que o pai pode lhe dar, seria capaz de reparar a ausência do pênis (Freud, 1924). O relevante não é, nem mesmo, seu pai, mas o filho compensatório. O pai fica em segundo plano (Freud, 1933). Em suas palavras:

Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo em um desejo mantido por muito tempo de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado, uma vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catequizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior. (1924, pp. 223-4)

A mulher não cessa, nessa acepção, de desejar o pênis e o filho. Esses são os motores que a levam a estar preparada para seu papel. Papel posterior, tipicamente feminino para Freud, de ter um filho e dele cuidar, já que até mesmo o superego das mulheres, responsável pelas realizações culturais, seria mais fraco que o masculino.

As meninas constatam sua castração, então não temem sua ameaça. Como surgiria o superego nessas condições? Sem o temor da castração, não haveria um forte motivo para a formação do superego e a interrupção da organização genital infantil. O superego se formaria de uma outra forma: a partir de uma intimidação externa, exigências culturais, e a ameaça toma a forma de ameaça de perda de amor (Freud, 1924).

Maternidade, desejo do filho, ausência do pênis, demanda de amor são, seguindo a linha aqui exposta do pensamento freudiano, características tipicamente femininas. Para que a mulher tenha realmente assumido uma posição feminina, com a constatação da castração e de sua falta, e a inveja do pênis seguida de sua esperança de compensação com a dádiva de ganhar um filho do pai, a maternidade como desejo está, necessariamente, presente. A relação entre mãe e posição feminina é visível.

É necessário reconhecer a forte influência do pensamento da época, século XIX, nas noções a respeito da maternidade na psicanálise. Sobre o desenvolvimento psicossexual da criança, perpassamos as seguintes construções na teoria de Freud: sem elaborar ainda a diferença entre os sexos, a menina é masculina, possuindo um clitoris que se assemelha a um pênis (Freud, 1908); surge a ideia da falta e constatação da castração, o pênis falta à menina e, portanto, ela se sente inferior ao homem que o possui (Freud, 1924); com a teoria da diferença entre os sexos, a mulher aparece como mãe, pode-se tornar verdadeiramente feminina com a maternidade, substituindo o

desejo pelo pênis que falta pelo desejo de um filho (Freud, 1924; Freud, 1933).

De início, somente era constatada a existência do sexo masculino (menina masculina), depois, o feminino surge marcado pela falta, faltoso em referência ao masculino e, por fim, o pênis continua a faltar, mas é substituído pelo filho.

Há uma outra construção a respeito da mãe em Freud de grande relevância para a discussão a respeito do feminino: a mãe sexuada. “Os desejos sexuais da criança pela mãe vão ao encontro dos desejos desta pela criança” (Appignanesi & Forrester, 2010, p. 582). Tal construção é bem desenvolvida por Freud ao falar de Leonardo da Vinci (Freud, 1910). A natureza de tal relação, entre mãe e filho, é de plena satisfação, todos os desejos, sejam eles mentais ou físicos, estão satisfeitos, e esta é uma das formas possíveis de felicidade humana. É diferente, porém, no caso da filha: o menino pode aproveitar da abertura sexual da mãe, enquanto a menina precisa confrontar-se com essa mãe sexualmente ativa sob a forma de rivalidade (Appignanesi & Forrester, 2010).

Freud continua a explorar as fantasias da mãe sexuada em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 2010). As restrições impostas pelos adultos à sua vida erótica são baseadas nas restrições feitas na relação com a mãe na infância. A relação com a mãe influencia os modos de satisfação posteriores. Na vida dos meninos e homens, tal influência é expressa, para Appignanesi e Forrester (2010), de duas formas:

(...) por um lado, pela supervalorização do objeto amado a que tende o amor masculino e, por outro lado, pela condição de que a mulher amada seja depreciada, ligada a outro homem e passível de resgate. Ao resgatá-la de outro homem - ao erguê-la, fazendo com que deixe de ser a prostituta depreciada e fascinante para tornar-se outra vez a mãe idealizada e intocável - , o amante reverte a amarga derrota que sofreu quando sua mãe, repetidas vezes, lhe foi infiel com o pai. Ele também prova que não deve eternamente aos pais pela sua vida, mas afirma que é, sozinho, o todo-poderoso que dá a vida. (Appignanesi & Forrester, 2010, p. 585-586)

Aí está posto o par de mulheres: mãe ou prostituta? Idealizada ou depreciada? Freud (1912), no texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, afirma que um homem, para ser verdadeiramente feliz no amor, deve sobrepujar seu respeito pelas mulheres e acatar a ideia de incesto.

Depreciar o objeto, nesse sentido, como cometer incesto internamente para verdadeiramente amar outra mulher, é necessário. Porém, a mesma necessidade de depreciar os objetos não existe no sujeito mulher, pois não há tal supervalorização como nos homens. A contenção da sexualidade tem outra consequência: a incapacidade de desfazer a conexão entre a atividade sensual e a proibição quando esta enfim lhes é permitida. Com isso, tornam-se frígidas, e advém a proibitividade da vida erótica. Trabalharemos com mais cuidado esse assunto no próximo capítulo, sobre o enigma e o ódio ao feminino.

Esta é a origem do empenho realizado por muitas mulheres de manter secretas, por certo tempo, mesmo suas relações legítimas; e da capacidade de outras mulheres para a sensação normal tão-logo a condição de proibição se restabeleça devido a uma relação amorosa secreta: infiéis a seus maridos, são capazes de manter uma segunda espécie de fidelidade em relação a seus amantes. A condição de proibitividade na vida erótica das mulheres é comparável, creio eu, à necessidade da parte dos homens de depreciar seu objeto sexual. (FREUD, 1912, apud. Appignanesi & Forrester, 2010, p. 587)

Dois retratos são esboçados: do homem potente somente com a mulher depreciada, e da mulher que só se liberta da frigidez se há um segredo. Sexualidades empobrecidas, resultado da sexualidade infantil e atreladas à mãe sexuada. Tais noções concorrentes à vivência do menino, que pode gozar da relação de amor irrestrito com a mãe sexuada; e da menina, que dela se afasta e que com ela rivaliza, estão em sintonia com construções culturais sobre o homem e a mulher. Homem, cujas mulheres devem ser mães, perfeitas e plenamente satisfatórias, ou prostitutas, sensuais porém denegridas e desrespeitadas. Às mulheres, que resta? Após a discussão destas noções freudianas, sinto a necessidade de apresentar, a partir das obras de autores pós-freudianos, outras leituras a respeito das relações entre feminino e maternidade, desenvolvidas no tópico abaixo.

### *Outras leituras sobre a maternidade: na mãe, a mulher.*

De acordo com Soler (2005), ao designar a mãe como “poedeira”, Lacan deixa claro que a mãe, como genitora, em sua função reprodutora e real, não poder ser um semblante. A maternagem, por outro lado, função de semelhante

e simbólica, pode ser substituível. Já o pai, como Nome, é um semelhante, mas não um genitor. Todavia, atualmente, a mãe ou seu substituto ocupa, em muitos casos, o vínculo mais estável na vida da criança, ou o mais preponderante.

Há um discurso prévio que faz da mãe o objeto vital por excelência, pólo das primeiras experiências de excitação, símbolo último do amor. É a imagem das primeiras angústias do sujeito, como um enigma insondável. As falhas maternas sempre têm, e sempre terão, lugar no inconsciente.

É como ser da fala que a mãe deixa sua marca no filho. Nas palavras de Soler (2005):

(...) se a criança ao nascer já constitui um sujeito no dito dos pais, quando ela surge no mundo é como corpo, no sentido do organismo sexuado. Organismo que sem dúvida é preciso fazer viver, mas sobretudo organismo a ser... civilizado e subjugado aos usos prescritos. A mãe, ou seu substituto, não deixa de ter que por a mão na massa: ao emprestar sua voz aos primeiros imperativos de regulação e contenção, ela é, nesse aspecto, a primeira mediação do que realmente convém chamarmos de... a polícia do corpo. Esta não pode passar simplesmente pelo silêncio dos hábitos regularizados, embora suas marcas não deixem de ter influência. É preciso haver a linguagem em que a demanda se articula, e que é a única a permitir que esse corpo seja “corporalizado de maneira significante”. (Soler, 2005, p. 92)

A frustração do desejo de exclusividade de amor e o efeito do complexo de castração são fatores que encaminham a relação em direção ao rompimento desse vínculo primário. A mãe é primordial no processo de erotização do corpo da filha e do filho, sendo iniciadora das excitações sexuais através dos cuidados corporais (Freud, 1931), mas o par mãe-bebê deve ser barrado, para que do bebê advenha um sujeito capaz de expressar suas próprias demandas. Porém, o que acontece se a mãe permanece como figura onipotente, de gozo ilimitado? Sendo a falta a condição para instauração do desejo, como pode o desejo da filha descolar-se do desejo da mãe, se o materno não deixa espaços de ausência?

A respeito da separação do materno, e do advento da feminilidade, Alonso (2011) escreve:

Para isso é necessário que, na mãe, exista uma mulher, além de uma mãe. Uma

mulher que, tendo nela própria uma valoração da feminilidade, possa acolher o corpo da filha e ajuda-la a incluir-se num processo de criação de feminilidade, projeto singular de construção e que irá perdurar o resto de sua existência. (...). Para a menina, a dependência do reconhecimento da mãe e da imagem que ela lhe oferece é fundamental. Se o manto imaginário, como já dissemos, é fundamental para proteger a ambos os sexos do mero lugar de objeto, na menina ele a protege também do lugar de vazio. (Alonso, 2011, p. 289)

Mais adiante: “Para que o feminino apareça é necessário que um vazio se faça na relação com a mãe, e isso é possível quando a filha consegue mudar a onipotência incondicional que lhe atribui.” (Alonso, 2011, p. 295). Encontrar, na mãe, a mulher. O que quer dizer tal afirmação? Como invocar a mulher numa mãe, se esta identifica o filho ao falso perdido e recuperado?

A maternidade, de fato, não é tarefa simples. A mãe, Outro primordial, é aquela que introduz o filho na demanda articulada ao impor a dupla oferta na qual ele se aliena: da língua em que demandar, e da resposta que vem do Outro. A vontade materna entra com grande relevância na constituição desse pequeno sujeito, o bebê. Na experiência mãe-filho, a alienação inerente ao amor é elevada a uma potência superior, já que o recém nascido ainda não é um sujeito, mas um objeto. Assim, o filho pode ter a experiência de passar-se como uma propriedade da mãe, como um boneco com que gozar e a que fazer gozar (Soler, 2005).

Em relação ao caráter formador do sujeito que essa experiência primordial possui, muito depende do lugar inconsciente que a mãe situa o filho. Situar o filho como uma solução materna encontrada para a falta fálica pode marcar seu destino.

Para Soler (2005), em função de sua própria demanda, o filho se oferece, nos engodos da sedução, para satisfazer aquilo que é captado do desejo materno por seus ditos e condutas. Nesse processo, a mãe torna-se potência simbólica: detém o poder da fala, e da construção das primeiras frases. No entanto, a fala significa além de seus ditos - em suas contradições -, também seus silêncios e equívocos, tudo o que não diz, mas dá a atender a esse pequeno sujeito. O pequeno sujeito quer decifrar o enigma do desejo materno, buscando, em última instância, sua identificação. Interroga o Outro materno insistentemente por ter a expectativa de encontrar a chave de sua existência, e

a resposta à questão: o que sou para o Outro?

De acordo com Soler (2005), não é a falta de amor, mas seu excesso, que pode ser prejudicial na dupla mãe-filho/a, e que clama por uma separação fundamental.

No seminário “Mais, ainda”, Lacan (1972-3/1993) situa o registro de uma sexualidade dividida e não-toda conformada ao Édipo e à castração. A partir da possibilidade de articular a demarcação lógica do gozo para além do gozo fálico, ele articula outra modalidade de gozo, definida pelo não-todo e que é inscrito no lado “mulher” das fórmulas da sexuação. Constitui-se um duplo gozo, composto pelo polo fálico, que o homem pode vir a encarnar para uma mulher (ou talvez um filho); e um outro, denominado como aquilo que falta como significante no Outro, não subjetivável e que não pode conter traço no inconsciente se não sob a forma de furo. Este seria, propriamente, o gozo feminino, aquele que está além do fálico, e que permite uma nova experiência que não a busca do Um (a busca da completude numa relação, por exemplo). A mulher na mãe, entendida como a possibilidade de vivência desse gozo feminino, produz um furo na identificação do filho ao falo perdido, e assim abre espaço para a emergência do bebê como sujeito – pois não precisa mais dele como objeto, falo. Assim, Lacan enfatizou o desejo da mãe, a ser entendido como o desejo da mulher na mãe, adequado para torna-la não-toda mãe, não-toda para seu filho.

O desejo propriamente feminino, portanto, deixa a mãe ausente para seu filho. Para o filho, será de grande diferença se essa ausência se decifre na ordem fálica ou se a ultrapassa. O falicismo fala e veicula signos, tornando possível ao filho é situar-se diante da ausência. O não-todo, por sua vez, não fala. Assim, a imagem da mãe pode desvelar-se em dois extremos: a mãe que é mãe em demasia, e a mãe que é mulher em demasia (Soler, 2005).

#### **4. ENIGMA: O lugar do corpo enigmático e repudiado**

*Deixa teu corpo entender-se com outro corpo.  
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.*  
Manuel Bandeira

Em vista dos esforços extenuantes que se fazem hoje, no mundo civilizado, para reformar a vida sexual, será supérfluo advertir que a pesquisa psicanalítica está tão isenta de tendenciosidade quanto qualquer outra espécie de pesquisa. Não há nenhum outro objetivo em vista além de derramar alguma luz sobre as coisas, ao procurar que se revele o que está oculto. Será bastante satisfatório se as reformas fizerem uso dessas descobertas para substituir o que é prejudicial por algo mais vantajoso; mas não se pode predizer se outras instituições não redundarão em outros sacrifícios, talvez mais sérios. (Freud, 1912)

Recorro à citação acima para destacar um importante aspecto do trabalho de Freud, ao tratar-se da sexualidade: ele busca lançar luz sobre as situações e os conflitos que discute, mas não assume uma postura prescritiva, de conferir juízos de valor a respeito de tais leituras – dizer que tal modo de funcionamento é o correto, por exemplo. Em 1912, buscando explicar a impotência sexual dos homens, Freud tece uma discussão que situa a depreciação do objeto sexual como necessária à obtenção prazer. No caso das mulheres, a depreciação não é necessária, pois a proibição ao ato sexual é vivida com mais intensidade. Os homens, por sua vez, devem depreciar o objeto para obter a satisfação sexual. Isso se deve à união ou desunião desajustada de duas correntes da libido: a sensual e a afetiva. A afetiva dirige-se aos membros da família, que cuidaram do sujeito criança. Liga-se o primeiro objeto de amor do sujeito, sua mãe, e diz respeito a vivências infantis de satisfação, que começam a partir das pulsões de autopreservação e perseveram no desenvolvimento psicossexual. Na puberdade, tal corrente une-se à corrente sensual, e segue os caminhos antes trilhados para a satisfação, a catexia de objetos de escolha infantil. No entanto, defronta-se com obstáculos inerentes à inserção da criança na cultura, advindos da proibição do incesto.

Estes objetos antigos infantis tornam-se inadequados, e é necessário que o sujeito encontre objetos estranhos adequados para seus investimentos libidinais. O destino da corrente sensual não pode ser totalmente ligado à corrente afetiva, mas deve haver uma separação, mantendo certa distância de objetos que seriam incestuosos. Buscando objetos que não rememorem imagens incestuosas, a saída possível é encontrar objetos depreciados.

A corrente do amor divide-se entre o amor sagrado ou o profano (Freud, 1912). Retomo, aqui, minha referência anterior à mãe e à prostituta. Com a mãe, não pode haver satisfação sexual; com a prostituta, não pode haver

respeito. Se houver respeito, o prazer sexual não se dá. Pensem nas imagens das mulheres que viveram na mesma época de Freud: lhes cabia ser esposa ou amante.

A impotência psíquica descrita nesses termos consiste, para Freud (1912), numa condição inerente à civilização. Compreendo que, ao afirmar isso, Freud problematiza tal condição como um mal-estar inerente à vida em sociedade. Mal-estar, sem saídas possíveis enquanto vivemos em tal organização social. A impotência psíquica, impossibilidade de unir adequadamente as correntes afetivas e sensuais, é a forma própria do amor civilizado. Em 1912, datação desta conceituação, Freud falava em instintos. Os instintos sexuais, do homem como espécie animal, eram restritos pela vida civilizada. Nesse sentido, empresta e modifica a frase proferida por Napoleão: “a anatomia é o destino”. Sendo os instintos sexuais imutáveis, estão fadados, na civilização, à insatisfação:

Os órgãos genitais propriamente ditos não participaram do desenvolvimento do corpo humano visando à beleza: permaneceram animais e, assim, também o amor permaneceu, em essência, tão animal como sempre foi. Os instintos do amor são difíceis de educar; sua educação ora consegue de mais, ora de menos. O que a civilização pretende fazer deles parece inatingível, a não ser à custa de uma ponderável perda de prazer: a persistência dos impulsos que não puderam ser utilizados pode ser percebida na atividade sexual, sob a forma de não-satisfação. (Freud, 1912)

Notemos: Freud coloca a anatomia como destino, não como ponto de partida. Já não tem isso grande importância?

Em 1917, com o texto “O tabu da virgindade”, Freud (1917[1918]) aborda o tabu da primeira relação sexual entre homem e mulher como um tabu herdado de povos primitivos, associado à presença de sangue ao se romper o hímen, e à relação de propriedade que os homens mantinham com suas mulheres após o primeiro ato sexual. À medida em que prossegue no texto, Freud coloca a própria mulher como tabu: não é só o sangue ou a propriedade, mas algo inerente à mulher que desperta sentimentos de hostilidade e depreciação nos homens. Pensamos que, nesse ponto, seja relevante cita-lo diretamente:

Toda vez que o homem primitivo tem de estabelecer um tabu, ele teme algum perigo e não se pode contestar que um receio generalizado das mulheres se expressa em todas essas regras de evitação. Talvez este receio se baseie no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e, portanto, aparentemente hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostra-se ele próprio incapaz. O efeito que tem o coito de descarregar tensões e causar flacidez pode ser o protótipo do que o homem teme (...). (Freud, 1917[1918])

Mulher seria, nesse ponto, um ser estranho, eternamente misterioso e incompreensível. Criatura castrada, que ameaça o homem e o faz temer por sua própria castração. Fica evidente o distanciamento, nesse ponto da obra Freudiana, do homem e da feminilidade. Esta provoca horror, hostilidade. Como se a presença desse ser castrado fosse a concretização da castração que teme o homem. O coito, por sua vez, corpo a corpo propriamente dito, descarrega tensões e torna flácido o pênis, como um pênis descarregado de sua potência fálica.

Quanto à frigidez feminina, Freud (1917[1918]) a explica como uma forte fixação da libido no pai ou um irmão, desejos sexuais infantis que permanecem orientadores de sua satisfação e, diante deles, o parceiro escolhido seria um mero substituto, incapaz de satisfazê-la plenamente. Porém, nessa descrição da frigidez, não teria Freud deixado de incluir o par mãe/prostituta anteriormente citado? A mãe, valorizada pelo homem, é uma figura casta; a prostituta, não frígida, capaz de exercer a função sexual e dar ou sentir prazer, é depreciada pelo homem. No momento histórico em que viveu Freud, qual era a possibilidade das mulheres desfrutarem de uma vida sexual ativa sem sofrerem as consequências de uma desvalorização social?

O primeiro ato sexual, a perda da virgindade, é colocado como tabu também pela insatisfação feminina após sua concretização. Freud (1917[1918]) remonta a frigidez feminina e sua fixação ao pai como fatos correlacionados a esse tabu, mas também cita a importância da inveja do pênis nessa dinâmica. O primeiro ato sexual desperta na mulher impulsos infantis que são, para Freud, opostos a seu papel propriamente feminino. Esses impulsos infantis consistem em desejar a posse do pênis, ao invés de desejar um filho como seu substituto, o que seria propriamente feminino. Por isso, a hostilidade e desagrado frente à perda da virgindade: é este o momento de

submeter-se ao homem e cumprir sua função feminina. Nas palavras de Freud: “a sexualidade imatura de uma mulher descarrega-se no homem que primeiro lhe faz conhecer o ato sexual” (Freud, 1917[1918]).

Há, até o momento, o seguinte desenho da relação conflituosa entre os sexos: o homem sente horror à mulher, por esta ser o representante da castração, ou deseja trinhar sobre ela; a mulher imatura sente inveja do pênis masculino e não se adapta à sua sexualidade madura, superando o desejo de ter um pênis com um substituto, o desejo de ter um filho.

Em 1919, Freud escreve o fascinante artigo “O Estranho”, termo que diz respeito a “aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (Freud, 1919). Como o familiar pode tornar-se assustador? Iniciando o texto com verbetes de dicionários, buscando definir a dupla de opostos “heimlich” e “unheimlich”, Freud (1919) caminha em direção à junção deste par; não mais opostos, ambos os termos tem aproximadamente a mesma significação. “Heimlich” é aquilo que é mais familiar mas, dentre suas significações, aproxima-se de seu oposto, “unheimlich”. Palavra ambivalente que quer dizer, ao mesmo tempo, algo familiar e secreto, sombrio e escondido. Geralmente, na tradição psicanalítica, o termo, que em sua tradução pode ser tomado como “estranho” ou “estrangeiro”, é uma alusão ao retorno do recalado: aquilo que nos é mais familiar, próprio de nós mesmos, retorna, se repete e constitui um grande foco de nosso sofrimento. No entanto, propomos uma ultrapassagem dessa alusão, tomando o estranho como algo que diz respeito ao que se identifica como próprio ou então aquilo que se põe para fora e que aí deve permanecer, pois se fosse próprio ao sujeito se tornaria insuportável.

Para Freud (1919), nem tudo que é assustador provoca a sensação de estranho, mas somente aquilo que subverte a lei do recalque, aquilo que vem à tona mas deveria ter permanecido encoberto. A ambivalência do termo “heimlich”, que vem a tornar-se “unheimlich” é compreensível nesse movimento: o elemento que surge não é novo, mas remete a alguma coisa já conhecida; o prefixo “un” aparece, justamente, como sinal do recalque.

Poderia a experiência do estranho, que ocorre quando emerge algo que não deveria estar ali, estender-se para uma situação em que se depara com a

ausência de algo que supostamente deveria estar ali? A visão do genital feminino, nesse sentido, pode ser considerado algo que traz à tona o já conhecido, constatando a ausência do pênis e a possibilidade da castração. Consta, portanto, a falta e impossibilidade de uma universalidade fálica e de um afastamento da ameaça da castração. O horror à mulher e à feminilidade como horror à falta, àquilo que faz furo e à constituição do limite. O ódio ao feminino, portanto, como repúdio a um corpo estranho, no sentido de erigir uma potência não fálica.

Uma outra leitura pode ser feita ainda, nesse sentido, sobre o tabu da virgindade: O medo e desafio presentes num primeiro ato sexual, em que se desvirginará a mulher, como uma dificuldade do homem em tomar a mulher como ser erógeno em seu psiquismo. Assim, a imagem do ato de defloramento feminino pode ser tomada como metáfora da mudança de lugar de menina virgem e inocente (santa, oposta à prostituta), para um lugar de abertura ao prazer feminino, a partir da emergência de uma mulher erotizada. A dificuldade e medo masculinos que advém nessa situação poderiam estar relacionados, portanto, ao bloqueio masculino diante de situações que o colocariam em contato com o feminino, mulher erotizada e lugar de sustentação da diferença.

Mais adiante, em 1925, com o texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, Freud reúne construções e reavaliações de ideias anteriores sobre o desenvolvimento das mulheres. Neste texto, Freud afirma diretamente que há diferença no desenvolvimento psíquico de homens e mulheres, como já havia feito antes, em “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade” (FREUD, 1923). É de grande relevância a constatação da diferença já que, anteriormente, as construções feitas a respeito do menino eram simplesmente transpostas à menina.

O complexo de Édipo, foco da diferenciação entre menino e menina, pode ser lido, na obra freudiana, como forma de inserir a criança na lei social. Já não seria, portanto, notável a constatação de Freud de que menino e menina se inscrevem na lei social de formas distintas? Em suas palavras:

Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança

do sexo masculino, o menino. Com as meninas, assim supúnhamos, as coisas deviam ser semelhantes, embora de um modo ou de outro elas tenham, não obstante, de ser diferentes. O ponto do desenvolvimento em que reside essa diferença não podia ser claramente determinado. (Freud, 1925)

Tipicamente, no complexo de Édipo dos meninos, o primeiro objeto de amor infantil, a mãe, é mantido, e uma atitude de rivalidade é dirigida ao pai, o menino gostaria de tomar seu lugar. Tal vivência edípica pertence, nos meninos, à fase fálica, e termina pelo temor da castração. Com tal ameaça, temendo perder o pênis, o menino investe em objetos não incestuosos. Já em relação às meninas, é necessário abordar um momento anterior, o momento da constatação da diferença sexual e de sua ausência do pênis. Momento este que, para Freud (1925), culmina na inveja do pênis. Ao notar que não o possui, quer possuí-lo: eis o complexo de masculinidade, um grande obstáculo ao desenvolvimento da feminilidade (Freud, 1925).

As consequências da inveja do pênis, quando não resolvida, são numerosas. Uma delas é um sentimento de inferioridade gerado a partir de tal ferida narcísica. Mesmo quando superada, Freud (1925) defende que a inveja do pênis continua existindo e se manifesta pelo ciúme. Uma outra possível consequência é o enfraquecimento do vínculo da menina com a mãe, tomada como responsável por sua falta de pênis.

A última consequência diz respeito à inferioridade do clitóris diante da descoberta do pênis. Para Freud (1925), a masturbação é uma atividade afastada da natureza feminina, especialmente a clitoridiana, pois o clitóris, e o prazer advindo de sua manipulação, são masculinos. A eliminação deste prazer é uma condição fundamental ao desenvolvimento da feminilidade propriamente dita. Recorro, novamente, às palavras do próprio Freud (1925):

Não posso explicar a oposição que por esse modo é levantada pelas meninas à masturbação fálica, exceto supondo existir algum fator concorrente que faça a menina voltar-se violentamente contra essa atividade prazerosa. Esse fator está bem à mão. Não pode ser outra coisa senão seu sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis, o lembrete de que, afinal de contas, esse é um ponto no qual ela não pode competir com os meninos, e que assim seria melhor para ela abandonar a idéia de fazê-lo. Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação

masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade (FREUD, 1925).

Já destacamos que o desejo da menina desloca-se do pênis para o desejo de ter um filho. Para tal propósito, a menina toma o pai, capaz de dar-lhe um bebê, como seu objeto de amor. Também já sabemos que o complexo de édipo é, nas meninas, uma formação secundária, precedida pelo complexo de castração e pela inveja do pênis, enquanto nos meninos é o complexo de castração que leva o complexo de édipo a sua resolução. No caso das meninas, para Freud (1925), a castração foi executada, enquanto no caso dos meninos, ela foi apenas ameaçada.

Porém, nos questionamos: de que forma, então, a menina conclui o complexo de édipo? Quais as saídas possíveis para sua inserção na lei simbólica? Faltam-lhe motivos (Freud, 1925). Nas mulheres, o complexo de édipo pode ser abandonado, reprimido ou continuar gerando efeitos ao longo de suas vidas. Ficariam prejudicadas, na visão de Freud, as realizações culturais femininas? Sim, já que seu superego desenvolve-se de forma menos rígida, e seu senso de justiça é inferior ao dos homens.

Um outro aspecto relevante no texto em questão diz respeito à atitude masculina diante da constatação da diferença entre os sexos ou, mais especificamente, da ausência de pênis das mulheres. Existem dois caminhos possíveis, que influenciarão nos relacionamentos posteriores com as mulheres: horror à criatura mutilada ou triunfo dominante sobre ela (Freud, 1925).

Dante de tais construções, de que forma seria possível às mulheres lerem Freud? Considero relevante pensar no contexto social em que tais obras foram escritas, e sugiro ler Freud a partir de Beauvoir (1949/2016). Para a autora, à época da publicação de sua importantíssima obra “O segundo sexo”, enquanto o homem, na tradição da história da humanidade, representa o positivo e o neutro, a mulher representa o negativo. Nunca houve um momento histórico em que a mulher não foi submetida ao homem, ela nunca teve um passado enquanto sujeito, o que reforça a ideia de que a anatomia é o destino e naturaliza as relações entre os sexos.

Porém, não deveria. Beauvoir (1949/2016) critica a psicanálise, em especial Freud e Lacan, por não levar em conta a dimensão histórica: o pênis

não é privilegiado por si mesmo, mas existe, sim, um privilégio que está pautado numa dominação masculina em diversos âmbitos da cultura. Nesse sentido se, para Freud (1925), a mulher não é convocada a sair do complexo de édipo por já ser castrada e não ter nada a perder, tal leitura pode ser expandida a partir de Beauvoir (1949/2016): para a autora, a mulher, realmente, já está na posição de Outro. Já é, portanto, privada de sua condição de sujeito. Uma maior exposição de ideias de autoras feministas e pós-freudianas será realizada ao longo do presente trabalho.

## 5. ESPECIFICIDADE DO PSIQUISMO FEMININO

Após críticas de psicanalistas e feministas às formulações de Freud sobre a mulher, e em consequência de seu reconhecimento de que o desenvolvimento de meninos e meninas é distinto, Freud elabora duas conferências que abordam especificamente o psiquismo e a sexualidade feminina: “A sexualidade feminina” (1931) e “A feminilidade” (1933).

Uma primeira constatação relevante presente no texto “A sexualidade feminina” (1931), é de que a bissexualidade originária a todos os seres humanos é de expressão maior nas mulheres, já que possuem duas zonas erógenas, uma caracterizada como propriamente masculina, o clitóris, e outra feminina, a vagina. Ademais, já foi dito que, para Freud, o complexo de Édipo da menina tem um desenvolvimento consideravelmente mais complicado que o do menino, já que ela terá que realizar duas trocas importantes: a troca da zona genital principal do clitóris para a vagina, e a troca de seu objeto original da mãe para o pai. Uma inversão importante é destacada por Freud, já que o complexo de Édipo feminino acontece em decorrência do complexo de castração – que se inicia a partir de sua constatação de que não possui o pênis e, portanto, seria inferior aos homens - que apresenta três saídas possíveis às mulheres: primeiro, a menina pode crescer insatisfeita com seu clitóris e abandonar sua atividade fálica, e em decorrência a atividade sexual em geral (e até mesmo sua masculinidade em outros campos da vida), vivendo com uma repulsa à sexualidade; segundo, a esperança de obter um pênis no futuro, que continua até em idade mais avançada, e a busca por afirmação de sua

masculinidade perdida; terceiro, a atitude feminina normal a partir da tomada do pai como objeto, que finalmente dá abertura ao complexo de édipo.

Em 1931, Freud destaca a grande importância da fase pré-edipiana de ligação com a mãe para o desenvolvimento psíquico das mulheres, fortemente ambivalente, bastante rica e de longa duração (cerca de até cinco anos de idade). É tão intensa essa relação que pode servir de modelo, em um funcionamento psíquico marcado por certa regressão, para um relacionamento futuro com um homem; e, na ocasião em que se descobre não possuir o pênis, a mãe é uma figura hostilizada e culpada por tão condição inferior, como nos diz Freud (1931), a menina tem a percepção de que a mãe “falhou em fornecer à menina o único órgão genital correto”.

Esses pontos já foram trabalhados anteriormente. Porém, há uma outra dimensão presente nestes dois textos que consideramos de notável importância. Um outro aspecto que nos chama a atenção é o uso, por Freud (1931), do par atividade/passividade para falar do par masculino/feminino, como se a atividade fosse própria à masculinidade e vice-versa, mas sem fornecer maiores explicações a respeito dessa correlação inferida. Parece que, neste momento, Freud ainda reporta-se ao biológico de certa forma, um corpo físico capaz de dar respostas sobre a diferença entre as forças masculinas e femininas presentes em um sujeito. De certa forma, Freud (1931), faz esse retorno não explícito ao corpo, como se, no caminho que faz seu pensamento, a anatomia fosse o destino, ideia que havia sido apresentada alguns anos antes. Destaco um trecho em que tal correlação está presente, a respeito da alternância entre atividade e passividade nos objetivos sexuais, determinados pelas fases libidinais, da menina dirigidos à mãe:

Quando um médico abre a boca de uma criança, apesar da resistência dela, para examinar-lhe a garganta, essa mesma criança, após a partida daquele, brincará de ser o médico ela própria e repetirá o ataque com algum irmão ou irmã menor que esteja tão indefeso em suas mãos quanto ela nas do médico. Temos aqui uma revolta inequívoca contra a passividade e uma preferência pelo papel ativo. Essa oscilação da passividade à atividade não se realiza com a mesma regularidade ou vigor em todas as crianças; em algumas pode não ocorrer de modo algum. O comportamento de uma criança a esse respeito pode capacitar-nos a tirar conclusões quanto à intensidade relativa da masculinidade e feminilidade que ela apresentará em sua sexualidade.

Tal trecho nos mostra a ligação entre uma maior atividade ou passividade na infância e uma futura tendência à feminilidade ou masculinidade na sexualidade. Haveria, portanto, um núcleo da sexualidade já dado desde a infância? Seria a feminilidade incompatível com a atividade? Mais adiante, Freud (1931) aborda tal ponto a partir da brincadeira de bonecas. O gosto das meninas por brincar com bonecas é tido como uma manifestação da feminilidade precoce, porém, de seu lado ativo. Feminilidade ativa, já que reverte a lógica de um cuidado que recebe passivamente, e então o executaativamente com um terceiro. Toma a boneca como objeto ao qual dedicará sua maternagem. A maternidade seria, então, uma feminilidade ativa?

Atividade e passividade fazem parte da constituição da sexualidade infantil e, consequentemente, do aparelho psíquico da criança. A mãe, sedutora, inicia a menina na fase fálica através dos cuidados e da higiene do corpo da filha, que ocupa, nesse ponto, lugar passiva. A atividade sexual da fase fálica, de característica ativa, é demarcada pela masturbação clitoridiana, e nela também surgem impulsos ativos dirigidos à mãe. Porém, no curso de seu desenvolvimento,

a menina afasta-se da mãe por motivos diversos – mãe não lhe concedeu a posse do pênis, compartilhou seu amor com outros, não amamentou o suficiente, não correspondeu às suas expectativas amorosas – e é contingente a esse afastamento, ou deve ser, para que advenha uma feminilidade normal, um abaixamento dos impulsos sexuais ativos e um aumento dos passivos (Freud, 1931). Mas como ocorre essa mudança? Para Freud (1931):

É verdade que as tendências ativas foram mais intensamente afetadas pela frustração; revelaram-se totalmente irrealizáveis e, portanto, são mais prontamente abandonadas pela libido. Mas tampouco as tendências passivas escaparam ao desapontamento. Com o afastamento da mãe, a masturbação clitoridiana não raro cessa também, e, com bastante freqüência, quando a menina reprime sua masculinidade prévia, uma parte considerável de suas tendências sexuais em geral fica também permanentemente danificada. A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou (FREUD, 1931).

Apesar da ainda estreita relação entre masculinidade - atividade e feminilidade – passividade, algumas constatações de Freud (1931), contribuem para que tais limites fiquem cada vez menos nítidos, como a mãe sedutora (então, sexualmente ativa), e a feminilidade ativa que está em jogo na brincadeira de bonecas.

Em “A feminilidade” (1933), Freud desenvolve mais ideias a respeito desses dois pares e, mais uma vez, recorre ao corpo biológico na tentativa de delimitar o que geralmente se quer dizer ao falar de feminino como passivo e de masculino como ativo (mas, nesse ponto, há uma mudança: Freud considera insuficiente e errônea a recorrência ao corpo biológico para tratar dos pares feminino/masculino e passivo/ativo), dizendo que tal inferência diz respeito à atividade do espermatozoide que, em movimento, busca o óvulo, e da passividade do óvulo que, parado, aguarda ser fecundado. Porém, deixa bastante clara sua posição ao dizer que essas relações variam entre espécies de animais, e até mesmo dentro da própria espécie humana. Por isso, até mesmo:

(...)na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão como é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino, com passividade. Uma mãe é ativa para com seu filho, em todos os sentidos; a própria amamentação também pode ser descrita como a mãe dando o seio ao bebê, ou ela sendo sugada por este. Quanto mais se afastarem da estreita esfera sexual, mais óbvio se lhes tornará o ‘erro de superposição’. As mulheres podem demonstrar grande atividade, em diversos sentidos; os homens não conseguem viver em companhia dos de sua própria espécie, a menos que desenvolvam uma grande dose de adaptabilidade passiva. Se agora os senhores me disserem que esses fatos provam justamente que tanto os homens como as mulheres são bissexuais, no sentido psicológico, concluirrei que decidiram, na sua mente, a fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’. Mas advirto-os de que não o façam. Parece-me que não serve a nenhum propósito útil e nada acrescenta aos nossos conhecimentos (FREUD, 1933).

É de grande importância, e possivelmente influenciada pelas críticas que recebia na época dirigidas às suas construções a respeito da feminilidade e da mulher, que Freud nos adverte sobre a influência de normas culturais na tendência à passividade na vida de algumas mulheres, para além da esfera

sexual. Peço licença ao leitor para fazer mais uma citação direta do texto de Freud (1933):

A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro (FREUD, 1933).

Porém, já a respeito da brincadeira de bonecas, Freud (1933) muda a direção de seu pensamento. Se antes, o brincar de boneca era uma expressão da atividade, agora considera-o justamente o contrário, como uma identificação à mãe, substituindo, justamente, a atividade pela passividade. O brincar de boneca liga-se, nesse momento, ao desejo (propriamente feminino, como nos diz Freud) de ter um bebê do pai, momento que caracteriza a entrada da menina no complexo de Édipo.

O pensamento freudiano é ambíguo e dá voltas, contém tendências diversas, características de seu movimento de manter-se, sempre, em questionamento. Existem inúmeras reformulações, o que é uma grande riqueza da psicanálise freudiana. Por isso, não há como afirmar que, numa fase anterior de sua teoria, Freud não atentava para as determinações sociais de seus constructos. Porém, especialmente no caso do feminino, considero que seja importante tornar clara a ideia de que a cultura influencia, também, na desigualdade dos papéis considerados socialmente adequados a homens ou mulheres. Ao se declarar a historicidade de uma construção psicanalítica sobre o feminino, é possível combater sua canonização, ou sua aplicação irrefletida em cenários múltiplos. O risco de uma associação entre passividade e feminilidade tornar-se uma ideia fixa no seio da psicanálise é o caráter teleológico que ela pode ganhar na prática ou pesquisa analítica, como se tal – mulher em posição de passividade – devesse ser pregado como o funcionamento correto das relações entre homens e mulheres. Ao dizer isso, não afirmo que Freud tenha causado a formação de ideias fixas.

É nesse bojo que Freud (1933) afirma o lugar dos estudos sobre a feminilidade em sua teoria: não se busca definir o que é uma mulher, mas como um ser de predisposição bissexual original torna-se uma mulher. Ao

mesmo tempo, há uma ambiguidade, que marca as ideias de Freud sobre a feminilidade mas não se limita a elas; ao mesmo tempo em que fala de um processo de tornar-se mulher, Freud (1933) continua sugerindo que exista um destino biológico: “(...)como é que a menina passa da vinculação com sua mãe para a vinculação com seu pai? Ou, em outros termos, como passa ela da fase masculina para a feminina, à qual biologicamente está destinada?” (Freud, 1933). Apesar de destino biológico, não acontece automaticamente, muito deve ocorrer para que tal ponto seja alcançado.

Por fim, existem dilemas não resolvidos na teoria freudiana. Explicito alguns que considero instigadores: Que grau de influência na sexualidade é dada, por Freud, à anatomia? Há uma equivalência, em sua obra, entre pênis e falo? Seriam as mulheres tão aptas às realizações culturais quanto os homens (considerando que, na prática, Freud admitia que mulheres trabalhassem como analistas, sendo a psicanálise uma das profissões com maior número de mulheres na época)? Tais questões são pontos de ambivalência – ou enigma. Buscarei abordá-las adiante, de uma outra forma, a partir de autores e autoras pós-freudianos, no entanto, apesar do incômodo diante de questões em aberto, algumas delas estão fadadas a ficarem sem resposta. Não há meio de respondê-las pois a natureza do pensamento freudiano é recheada de reformulações e sempre esteve em constante movimento. Se as respondemos, tomamos apenas um lado da contradição e criamos uma ideia fixa.

## 6. OUTRAS LEITURAS

*Mulher ao espelho*  
*(Cecília Meireles)*

*Hoje que seja esta ou aquela,  
pouco me importa.  
Quero apenas parecer bela,  
pois, seja qual for, estou morta.*

*Já fui loura, já fui morena,  
já fui Margarida e Beatriz.  
Já fui Maria e Madalena.  
Só não pude ser como quis.  
(...)*

O objetivo do presente capítulo é destacar que o desenvolvimento da teoria psicanalítica não se dá de forma apartada dos movimentos sociais, mais especificamente do movimento feminista, mas ao contrário: ambos nascem quase ao mesmo tempo, e desde sua origem, mantêm um relacionamento extremamente complexo, mas enriquecedor para ambos os lados. Mantendo relações de amor e ódio, ambivalentes, como em todos os vínculos fundamentais a qualquer existência, acreditamos que tanto a psicanálise quanto o feminismo não teriam conquistado tanto terreno quanto conquistaram, se não fossem influenciados um pelo outro. Pretendo, aqui, destacar alguns momentos de intersecção entre psicanálise e feminismo, o que eles acrescentaram à leitura psicanalítica do feminino, e apresentar uma leitura psicanalítica atual sobre o feminino que o situa como potência criadora, ao invés de limita-lo a faltoso – é potência criadora justamente pela positivação de sua falta. Comecemos, no entanto, a partir das influências que autoras feministas tiveram sobre a teoria psicanalítica.

### ***Psicanálise e as ondas dos feminismos***

A psicanálise é uma teoria feminista *manquée*.<sup>2</sup> (Rubin, 1975/1993, p. 33).

A escolha por adotar a divisão dos movimentos feministas em ondas se deu pois acreditamos que essa leitura permite maior apreensão de sua diversidade e de suas infindáveis transformações ao longo do tempo, e diante das questões suscitadas em suas lutas. A primeira onda do feminismo deu-se no final do século XIX ao início do século XX, e é denominada *feminismo da igualdade*. Suas lutas buscavam a garantia de direitos fundamentais, como o direito ao voto, à educação e ao trabalho. A segunda onda desenvolveu-se nos anos 60 e período pós guerra. Chamada de *feminismo das diferenças*, sua luta deu-se no sentido de reafirmar as diferenças, demandando espaço para as especificidades da mulher. São feitas críticas à mística feminina, à dominação

---

<sup>2</sup> “*Manquée*”, do francês, pode ser traduzido para “faltosa”, na tentativa de captar a intenção da autora.

masculina e, na cena psicanalítica, à teoria lacaniana. Já a terceira onda, pautada em meados dos anos 90, recrudesceu o debate sobre a normatização dos gêneros em defesa de novas formas de existência. É marcada pela publicação do livro “Problemas de gênero”, de Judith Butler, em 1990. Focaremos, aqui, nas críticas e debates referentes à teoria psicanalítica que emergiram na primeira e na segunda onda.

As relações entre psicanálise e feminismos são recheadas de críticas, e isto não poderia ser diferente. Elaborada a partir da prática e teoria de Freud, a psicanálise se forma como um novo pensamento sobre o psiquismo que, para Lago (2010) subverte a concepção iluminista do sujeito universal e consciente; mas, por outro lado e em consonância à cultura vigente, a psicanálise freudiana não questiona a montagem de tal sujeito universal como um ser europeu, branco, burguês e homem. Esta é uma questão sempre presente para o feminismo, mas vale denotar que a ruptura epistemológica de Freud era outra, tratava-se do questionamento da composição do psiquismo e da inconsciência do sujeito.

Tais rupturas feitas por Freud abriram caminho para grandes ganhos do feminismo mas, de fato, as questões feitas pela psicanálise eram outras, e não se tratavam da estrutura patriarcal da sociedade. O “homem”, portanto, continuou equivalendo a gênero humano.

As críticas feitas à psicanálise de Freud, no entanto, seguiram por outro caminho. Para alguns autores de seu tempo, Freud mantinha e ajudava a sustentar a dominação masculina com conceitos como inveja do pênis e complexo de castração. De acordo com Tubert (1995), foi precisamente a promoção teórica desses dois conceitos que provocou o rechaço de Freud por alguns de seus discípulos. Ao longo da década seguinte, o debate sobre a sexualidade feminina e como se torna uma mulher fervilhou entre psicanalistas, tendo entre seus representantes de maior peso: a. Karen Horney, que escreve sobre a gênese do complexo de castração entre as mulheres combatendo vigorosamente a tese da inveja do pênis e lançando luz sobre os fatores socioculturais no entendimento do que é a sexualidade feminina; b. Melanie Klein, com sua importantíssima descoberta dos primeiros estádios do complexo de Édipo; c. Helene Deutsch, que também valorizou a fase pré-

edípica do desenvolvimento; d. Jeanne Lampl de Groot, com produções sobre a evolução do complexo de Édipo em mulheres; e e. Ernest Jones, que defendia a confirmação de uma libido especificamente feminina, e também conferia importância ao período pré-edípico. Entre estes autores, o período pré-edípico ganha importante papel por não ser, ainda, regulado pelo falicismo.

Porém, para Tubert (1995), tais autores desconheceram a dimensão histórica e simbólica da explicação freudiana sobre a diferença entre os sexos e, visando retirar o complexo de Édipo como algo essencial na constituição do sujeito como tal, acabam por situar a diferença entre os sexos como anterior ao mesmo, recorrendo a uma explicação biológica. Tais autores centram a discussão na natureza da sexualidade feminina por si só, buscando afastá-la da referência ao falicismo.

Buscaram entender *o que* é a mulher, o que os conduziu a posições essencialistas e naturalistas, que Freud esforçou-se para separar da psicanálise. Karen Horney, por exemplo, falou sobre a existência de um princípio biológico da atração sexual, e Melanie Klein afirma que, devido a uma sexualidade feminina primordial, a menina tem, desde sempre, um conhecimento inconsciente da vagina. Para a autora:

(...) resulta impossível estudar a masculinidade e a feminilidade em si mesmos, posto que se trata de termos relacionais, que se organizam como tais em função da estruturação da diferença entre os sexos, produção de uma operação simbólica: recordemos o papel fundador que têm para Freud a passagem pelo complexo de Édipo, relato mítico que remete a uma estrutura própria da cultura, e pelo complexo de castração, dimensão subjetiva da proibição estruturante da ordem social, o tabu do incesto. (Tubert, 1995, p. 13)<sup>3</sup>

Houveram considerações de discípulos a respeito da sexualidade feminina que Freud incorporou à sua teoria, reconhecendo sua importância e até mesmo reconhecendo que as analistas mulheres encontravam-se em melhores condições que ele para analisar a transferência materna de seus pacientes mulheres. Esses debates o conduziram a atentar com maior cuidado para as relações precoces da menina com sua mãe e para a onipotência materna primordial para ambos os性os. A grande diferença na acepção freudiana

---

<sup>3</sup> Tradução nossa.

dessas relações pré-edípicas e das acepções das psicanalistas feministas supracitadas é que, para as autoras, tal fase é contraposta ao complexo de Édipo, um é excludente ao outro, enquanto, para Freud, ambos são superpostos, não excludentes (Tubert, 1995). Alguns dos debates e críticas levantados por teóricas e teóricos feministas são comentados por Freud na conferência “A sexualidade feminina” (1931), e estão também presentes em diversos momentos nas “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”.

Os debates da segunda onda feminista no seio da comunidade psicanalítica tiveram como sua precursora Simone de Beauvoir, a partir da publicação de “O segundo sexo”, em 1949. Tal obra denuncia, justamente, a fundição do gênero masculino ao universal em um só termo, homem. Defende que a mulher não é um dado natural, mas um produto da civilização, já que nascer mulher implica numa miríade de significações. Homem é sujeito, aquele próprio à civilização e a cultura, e a mulher é Outro, que carrega associações ao corpo e ao sexo, mas não ganha espaço como sujeito. Freud, para a autora, herda tal tradição e não a contesta, mas a reproduz e lhe confere estatuto científico. Beauvoir (1949/2016) confere historicidade e situa o corpo biológico como, também, produto da civilização – ponto marcado pela famosa construção “não se nasce mulher, torna-se”.

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir e o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda a determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (Beauvoir, 1949/2016, p. 9-10)

Filósofa existencialista, Beauvoir (1949/2016) tece uma crítica ao ponto de vista psicanalítico, e dedica-se a explicitar o ponto de vista do materialismo dialético. Primeiramente, denota que a psicanálise tem algo a seu favor: introduz na psicofísica que qualquer fato na vida psíquica do sujeito é revestido de sentido humano. Trata de um corpo ativamente vivido pelo sujeito. Porém, ao tratar do falo masculino, este conceito é ora considerado simbolicamente, ora equivale ao pênis. No entanto, para a autora, o falo comporta um conjunto de situações viris. O menino pode orgulhar-se de seu

pênis, tem dele uma experiência viva, enquanto à menina cabe a humilhação e lamento. A inveja da menina resulta de uma valorização prévia, até mesmo intrínseca, dos caracteres viris, e Freud encara esse fato como dado existente quando seria preciso explicá-lo.

Como pode, então, o orgulho ou sentimento de inferioridade de um sujeito basear-se na presença ou ausência de uma excrescência de carne? Beauvoir (1949/2016) busca situa-la em outros termos: O que provoca a inveja do pênis não é a ausência do mesmo, mas o conjunto da situação. Ou seja, a menina inveja o pênis como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos, o lugar ocupado pelo pai no seio familiar, a educação, a preponderância masculina na cultura. Tudo que se vê parece confirmar a superioridade masculina.

O pênis possui prestígio no seio de uma determinada cultura. É este ponto que Beauvoir (1949/2016) considera pouco explicado – ou não explicado – por Freud. Não contesta as construções conceituais da psicanálise, mas defende que ela só poderia encontrar sua verdade no contexto histórico. O privilégio anatômico só cria um verdadeiro privilégio humano em determinada situação histórica. Não basta, portanto, dizer que a mulher é uma fêmea ou defini-la a partir da consciência que tem de sua feminilidade, já que se toma consciência desta, ou não, no interior da comunidade da qual é membro.

A segunda onda feminista caminha da demanda por igualdade para a luta por uma diferenciação. Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos, mas possuem diferenças que devem ser consideradas. No debate psicanalítico, muitas feministas dirigiram críticas a Lacan e ao estruturalismo, sendo alguns nomes de grande importância Luce Irigaray, Hélène Cixous, Michele Montralay e Julia Kristeva, ativistas do movimento feminista francês. O discurso da época, de acordo com Cossi (2016), busca inscrever o corpo da mulher no discurso e fundar a escrita de suas especificidades. Freud é, mais uma vez, questionado, com críticas fervilhantes ao falocentrismo de sua teoria. Retornam as discussões sobre libidio e inconsciente femininos.

Fora do terreno francês, em solo americano existia o trabalho de Gayle Rubin. Leitora de Lacan, tece críticas a Freud e a Lacan, em especial sobre o papel do falo como estruturante do psiquismo. É leitora, também, de Levi-

Strauss, e faz uso de sua ideia de que o que funda a sociedade é a troca de mulheres e o tabu do incesto. Nesse panorama, para dar conta dos questionamentos que erige a essas concepções, inventa, em 1975, o *sistema sexo/gênero* como alternativa à leitura da diferença entre os sexos. É este conceito de Rubin (1975/1993) que ganha relevância para nosso trabalho, no sentido de agregar à leitura histórica da diferença entre os sexos.

Antropóloga, fala sobre a circulação do falo como uma versão da troca de mulheres que leva, insistente, à opressão e hierarquização dos gêneros e das práticas sexuais. Cada sociedade tem seu próprio sistema sexo/gênero, que consiste num conjunto de arranjos pelo qual a biologia do sexo humano e a procriação são moldadas no e pelo humano, o que ocorre a partir da intervenção social, e se satisfazem de modo tal como é ditado pela convenção. Portanto, o sexo – como conjunto que abarca identidade de gênero, desejo sexual e fantasia, e concepções sobre o infantil – é um produto social. É somente sob as condições históricas que uma mulher é e faz o que caberia a uma mulher. É a partir do que é dado pelo social, portanto, que se erigem os critérios para avaliar se um ser corresponde adequadamente àquilo que é tido como uma mulher ou não (Rubin, 1975/1993).

Rubin (1975/1993) volta-se à psicanálise para tratar de como os sistemas de parentesco e as convenções sociais a sobre sexo e gênero se produzem e são internalizados pelos sujeitos, mas esse voltar-se à psicanálise também trata de uma outra dimensão: a psicanálise dedica-se justamente àquilo que sobra, fica fora das convenções e da norma. A psicanálise se debruça sobre aquele que não se adequou às regulações da sexualidade ditadas pela sociedade; alude ao resíduo.

O trabalho dos psicanalistas também permite ultrapassar as condições econômicas, referentes aos sistemas de produção, para se explicar a opressão sexual. Recorre à psicanálise pois esta ultrapassa, nesses quesitos, a antropologia. Pretende levar em conta tanto as contribuições da psicanálise quanto os fatores políticos, históricos e econômicos.

Não entraremos a fundo em suas ideias a respeito da troca de mulheres, pois tal explanação ultrapassaria os objetivos do presente trabalho. Para finalizar, ficamos com a crítica que Rubin faz a Freud, que estende também a

Levi-Strauss, conforme destacado por Cossi (2016): ambos foram ingênuos ao não calcular as implicações e o peso que seus constructos teóricos poderiam ter para o feminismo. Não levaram em conta que, ao falhar em considerar a dimensão histórica, acabaram por descrever um sexismo endêmico. Para Rubin, somente através de uma análise dos elementos históricos e morais – incluindo aqui a diferença entre os性os – se pode pensar como a opressão sexual se estruturou. A psicanálise para ela, portanto, ultrapassa muitos pontos, mas acaba por não elucidar – pelo menos não clara e satisfatoriamente – alguns pontos e determinações que incidem sobre os sujeitos.

Retomamos a citação que abre o presente capítulo, dando lugar a este emblemático trecho de seu texto no qual está situada:

A batalha entre a psicanálise e os movimentos de mulheres e de homossexuais tornou-se legendária. (...) A psicanálise contém um único conjunto de conceitos para compreender homens, mulheres e a sexualidade. É uma teoria da sexualidade na sociedade humana. De forma mais importante, a psicanálise fornece uma descrição dos mecanismos pelos quais os性os são divididos e deformados, de como bebês bissexuais, andróginos, são transformados em meninos e meninas. A psicanálise é uma teoria feminista *manquée*. (Rubin, 1975/1993, p. 14).

Eis o que acreditamos ser aquilo que é próprio à psicanálise, e que pretendemos lançar luz ao longo de todo o trabalho: é uma teoria recheada de ambivalências, reformulações, rupturas e também continuidades com a norma social estabelecida. Por esse motivo, é de importância fundamental um constante retorno a Freud, pois a teoria psicanalítica, em si, é composta de incessantes retornos. Se contribui com o movimento feminista, em alguns pontos, também rompe com ele, em outros. É uma teoria feminista *manquée*, faltosa. Em nosso ponto de vista, a psicanálise é capaz de ganhar potência ao se reconhecer como eternamente faltosa pois, assim, podemos combater a universalidade de conceitos, o que assemelharia a teoria a uma religião. A partir de questionamentos, furos, e assunção de sua dimensão *manquée*, a psicanálise não cessa de se produzir.

## *O feminino positivado*

Com o intuito de fortalecer as palavras e conceitos psicanalíticos em sua potência de subversão, nos aprofundamos agora na leitura de Cromberg (1994; 1997; 2001/2012) a respeito do feminino. A autora não nega ou contraria, mas *subverte* leituras anteriores como o enigma da mulher, a falta e a sexualidade feminina, oferecendo um outro caminho: a partir da positivação do feminino, e o que esta forma de ver poderia agregar à experiência criadora, tanto de homens quanto de mulheres, na cultura.

Os ouvidos atentos da psicanálise foram capazes de ouvir, nas falas de sujeitos homens e mulheres, sua bissexualidade constitutiva e, também, a recusa ao feminino – não restrita aos homens, mas generalizada. Cromberg (1994) questiona se o que ocorre, com o levantamento do silenciamento das mulheres, maiores possibilidades para elas fazerem com que suas vozes sejam ouvidas, sua inserção como cidadãs dotadas de direitos e, também, com especificidades próprias à sua sexualidade, não seria, de fato, o clamor do princípio feminino por sua positividade, para sair de seu lugar abismal.

A autora põe em pauta, porém, como o feminismo, mesmo com suas valiosas conquistas no sentido de maiores direitos às mulheres, em sua busca de igualdade, acabou tomando o homem como modelo. Nesse sentido, buscar a igualdade não poderia custar muito às mulheres, denegando suas especificidades e acabar por reificar o masculino como aquele molde a que se deve aspirar? Já no que a autora chama de pós-feminismo, com a formulação da categoria de gênero, se começa a pensar sobre a diferenciação e há maior abertura para formular um ideário e direitos específicos às mulheres. É uma discussão parecida, mas não idêntica, àquela que trata das ondas dos feminismos.

Ora, apesar das discussões a respeito das dissonâncias entre o conceito de gênero e construções psicanalíticas, há um ganho a partir de sua disseminação: a acepção da pluralidade e fluidez na sexualidade, com diferenças a serem respeitadas, não uma igualdade a ser imputada.

O princípio masculino, homem como gênero neutro, regeu, de fato, a racionalidade da sociedade iluminista e construtivista (Cromberg, 1994). A

noção de feminino ou feminilidade carrega, em si, uma abertura a possibilidades de grande riqueza: sustentada em seu sentido de diferença, abre a possibilidade para que algo escape à explicação absoluta na ordem da representação simbólica, para que algo possa questionar a lógica civilizatória que incessantemente busca progresso, ordem, linearidade e racionalidade.

É possível retomar, mas ao mesmo tempo subverter e criar em cima da noção de feminino como enigma. Nunca se terá acesso ao feminino, a não ser como enigma, mistério, máscara, na lógica absolutista do desejo enquanto falta. A autora diz a feminilidade de outro modo, pois é assim, e somente assim, que aparece, constantemente se redizendo, contida no próprio devir. A feminilidade surge nas brechas, fugindo de significações dominantes que o aprisionam. Não há como dizer o que é próprio à mulher (Cromberg, 1997).

Para não dizer que não falamos dos nomes, abordemos a diferenciação entre identidade feminina e feminilidade. Identidade feminina, com tudo que esse primeiro termo, *identidade*, carrega, liga-se ao universo da representação, mundo fálico-simbólico que busca, justamente, a estabilização e manutenção dos papéis sexuais em ordem da sobrevivência e progresso civilizatórios. Nesse sentido, a maternidade pode encerrar a identidade feminina. *Feminilidade*, por outro lado, sustenta o devir pulsional, mantém a transformação. Como o prefixo *re-*, trata-se da constante e incessante construção que se possibilita, mantendo abertas vias para *reerotizar*, *reimaginarizar* (Cromberg, 1997). Questiona e refaz aquilo que já foi feito ou identificado anteriormente, pressupõe movimento e devir.

#### Positivar o corpo feminino:

(...) tanto nas manifestações pulsionais da maternidade quanto do gozo sexual permite desfazer as dicotomias das representações imaginárias a que a mulher, ficou lançada e aprisionada pelo mundo dominado apenas pela lógica fálica e patriarcal (a santa e a puta, a mãe-virgem Maria e a filha abnegada, a rainha dominadora e a princesa dominada). Recolocar o campo da sexualidade superando a lógica infantil edípica e genital é desconstruir lentamente uma engrenagem de pensamento que tem se mostrado tão emperrada para poder apontar para uma outra duração, não pautada pela concepção de tempo linear, para que este, criação humana que é, não seja o senhor absoluto e a morte saia do lugar de causa final inexorável. (Cromberg, 1997)

A castração da mulher assume estatuto positivado. É possível que haja, assim, uma abertura para o surgimento de uma sexualidade “pós-genital”, que reconheça tanto os prazeres femininos advindos da vagina quanto do clitoris, não se nega nem um, nem outro, mas afirma sua coexistência. Dessa forma, para uma sexualidade madura, a mulher não precisa ultrapassar o clitoris e ascender ao prazer da vagina, ambos têm importante papel na sexualidade feminina.

Pensamos, no entanto, que da conformação à realização do gozo fálico e fechamento à feminilidade oferecem um certo conforto, refúgio na fixidez, sem os movimentos trabalhosos próprios da condição de furo, buraco positivado. Isso pode acontecer a partir de uma entrada na competição do mundo masculino, pela produtividade e falicismo, por exemplo, ou da identificação do filho ao falo e sua tomada como símbolo da completude, da satisfação e identificação ao poder simbólico próprio ou de seu parceiro, e da manutenção do prazer exclusivo clitoridiano. É após a perda do objeto primordial, a mãe, e o consequente voltar-se ao pai, que surge o perigo de o sujeito refugiar-se nas asas paternas, moldando-se a partir dessa ligação. Mas há um outro gozo, que não corresponde ao fálico, ligado à sensorialização da vagina e do útero, conquistado a duras lutas pela mulher. É custoso, pois alcança-lo só é possível a partir da assunção da castração da mulher (o que não corresponde a uma amputação da mulher). Cria e positiva o lugar da fenda, do vazio fértil (Cromberg, 1994).

Como deixar fértil tal buraco? O rochedo da análise dos neuróticos, como nos diz Freud, é a recusa do feminino e o horror à castração. Recusa esta, “da entrega a um outro da fantasia que se teme que vá violentar, penetrar, maltratar, e que a imagem da mulher castrada e humilhada aglutina” (Cromberg, 2001/2012, p. 355). A fantasia feminina masoquista tampona tal buraco, tirando dele sua fertilidade e transformando-o em buraco fonte inesgotável de angústia. Teme-se encontrar o pai tirânico que, de fato, está presente na mulher neurótica – especialmente histérica. Pai tirânico, dono do falo, poder sem limites, negação da castração. No entanto, na análise das histéricas desde Freud, o que se revela no lugar do pai tirânico é justamente o pai impotente, morto, que tiraniza o eu no masoquismo. Para libertar-se dessa

dinâmica, há que se aceitar certa impotência, e a mortalidade do pai, como próprias a ele, e não como um *roubo* de seu falo - roubo que a menina teria feito, frente à constatação da sua falta de pênis e da falta também de sua mãe, e que a enche de culpa posteriormente.

Uma análise pode proporcionar a transformação da fantasia masoquista de homens e mulheres – necessário à positivação do feminino na vivência do sujeito. A fantasia masoquista, em ambos os sexos, é a de ser a menininha ou menininho da mamãe, dela dependente, passivo, preenchendo o buraco. Um novo vislumbre pode ser dado à discussão sobre passividade e atividade realizada anteriormente a partir dessa acepção da fantasia masoquista, tanto no homem quanto na mulher. No homem, supera-a pela aceitação de sua feminilidade, sem o domínio da fantasia do pai tirânico e castrador. Que o pai passe a ser um ser entre outros, marcado, como sempre há de ser, pela castração (Cromberg 2001/2012).

Aceitar a castração da mãe, que no início da vida do bebê ocupa a posição de fonte de toda a satisfação e poder onipotente, seria, para Cromberg (2001/2012), não preencher esse buraco que resta pela fantasia masoquista. Entendemos que tal ponto é consoante à tese lacaniana que uma saída para acesso ao gozo outro seria a emergência da mulher na mãe. Aceitação da separação a partir do limite que existe nos cuidados maternos.

A respeito do pré-genital, quando Freud (1931; 1933) lança luz sobre a relação pré-edípica da menina com a mãe, um novo enigma se forma para ele: o da relação pré-edípica do menino com a mãe. Bem, o complexo de Édipo masculino dissolve-se, tem uma resolução (diferente da menina, em sua concepção), e deixa tal período precoce para trás, o que se possibilita por um refúgio em seu próprio pênis. Diante da castração materna, identifica-se com o sexo de seu pai. Tal posse do pênis parece ser a vantagem masculina frente à castração – mas só parece, mesmo, pois é ilusória. Porém, tal ilusão pode manter-se desde que o menino/homem deixe fora de sua vista – ou ilusoriamente dissolvido – esse continente pré-edípico, área cinza que abrange sua separação de sua mãe. Para manter a ilusão, pode manter a área cinzenta inculcada em um outro, que acaba por desvalorizar e desdenhar: as meninas e as mulheres, colocadas no lugar de objeto já que, se não o fossem, se

ocupassem lugar de sujeito, seria insuportável ao menino/homem, pois deixaria ver sua falta narcísica. A ilusão de dissolução da área cinza se mantém, desde que as meninas/mulheres não o ameacem. Porém, nada que é soterrado permanece assim por muito tempo (Cromberg, 1994).

Segue outra ideia de Cromberg (2001/2012): Como “limpar a chaminé”, limpar o canal vaginal da cultura falocêntrica que encheu de fantasmas a sexualidade e produz danos tanto para o homem quanto para a mulher? O analista, no papel que lhe é próprio, deve conservar seu buraco vazio, para ultrapassar os engodos fantasmáticos da castração e permitir a ascensão ao estrangeiro. Para o homem, buscar doar seu pênis a si, e não si mesmo a seu pênis; e para a mulher, usufruir dos tesouros obtidos por sua cavidade agora fertilizada. A identidade, contraditoriamente, só se apresenta como enigma, vacila em si mesma, e por isso pode haver uma contínua renovação da possibilidade de manter vazio esse buraco. Abandonando o gozo masoquista, deixando o buraco feminino vazio, no homem e na mulher, para se acessar o gozo máximo e a criação singular (Cromberg, 2001/2012). Somente o vazio é lugar de abertura e criação; o preenchido já não é capaz de comportar mais nada. Finalizamos este capítulo com uma citação:

O psicanalista sabe que o processo de desconstrução deve levar não ao esquecimento ou a recusa, mas, para usar um termo forjado por Mezan (1987), ao *inquecimento*, ou seja, a uma reabsorção que permite que se possa abrir um processo de repetição que não seja a do círculo, a repetição do mesmo, mas a da espiral, a repetição diferencial, o que só é possível por uma elaboração psíquica, ou seja, por um trabalho que conecta os elos psíquicos. É a partir daí que se dá a possibilidade de um processo construtivo, e não de um construtivismo maníaco. O retorno ao zero, às origens, fascínio humano que move o seu psiquismo, é impossível, pois a origem é sempre mítica e o mito, como aponta Levi-Strauss, é o conjunto de suas versões. (Cromberg, 1994, p. 204)

## 7. (IN)CONCLUSÃO

Com todas as suas deficiências, a psicanálise apresenta as melhores e mais promissoras teorias sobre como se chega a existir, muda e persiste ao longo do tempo um eu que de forma simultânea está encarnado, é social, *fictício* e real. A psicanálise tem muito o que nos ensinar sobre a natureza, a constituição e os limites do conhecimento. Ademais, muitas vezes inintencionalmente, revela

muito sobre o que Freud chama de *enigma do sexo* e seu caráter central na formação de um eu, um conhecimento e uma cultura em seu conjunto. As teorias psicanalíticas também nos ajudam a compreender o poder em suas formas não institucionais: como se entrelaçam as relações de domínio na urdidura do eu e como se entrelaçam o desejo e o domínio. (Flax, 1990, p. 70-71)<sup>4</sup>

A psicanálise caminha para o feminino, ainda que estruturada pelo masculino (Cromberg, 1994). Elencamos nossos questionamentos finais: De que forma se constitui uma mulher? O que permite a vivência do feminino, e o desfrute da sexualidade feminina?

Cromberg (2001/2012) afirma que, no percurso habitual de ascensão à sexualidade feminina, para que o corpo a ser gozado por um homem possa gozar com isso e com si mesmo, um combate já é travado pela mulher contra a angústia de penetração (a barreira contra o gozo imposta por sua versão da fantasia de castração), sendo a compensação por essa luta o acesso ao gozo com seu corpo de mulher.

Como se possibilita a vivência de um gozo de mulher quando, na cena social, o que predomina é a valorização de um gozo masculino/fálico? Existem obstáculos, mesmo em um cenário “normal”, para a edificação de uma identidade feminina enquanto não subjugada a concepções que a enunciam faltosa, negativada ou limitada a constructos sociais que buscam definir o lugar considerado adequado à mulher (como mãe ou responsável pelo ambiente doméstico, por exemplo). Na cultura atual, mesmo com as numerosas conquistas femininas, ainda possuem grande força visões sobre a mulher como aquela a quem cabe o papel de objeto sexual, uma posição inferior aos homens, etc. Ou seja, inúmeras dificuldades se impõem à construção de uma posição feminina passível de criação e enunciação discursiva.

Freud realiza um longo percurso em sua elaboração a respeito do psiquismo feminino e da feminilidade, acompanhado pela figura da histérica, aquela que, em sua própria existência, denúncia a insuficiência da cultura fálica e subverte o corpo, fazendo-o gritar seus conflitos psíquicos; da mãe, aquela que enverga os limites da feminilidade e do falicismo, da atividade e

---

<sup>4</sup> Tradução nossa; grifo da autora.

da passividade, da onipotência e da castração, pois comporta tudo isso em seu interior; o enigma feminino que, ao mesmo tempo que provoca ódio, temor, desdém, é espaço de criação justamente por ser enigmático e manter-se não-identificado a significação alguma (porém, vale denotar, que Freud não se ocupa desta dimensão criadora do buraco).

Por fim, não negamos as afirmações freudianas, mas questionamos, refletimos, reformulamos e reconstruímos, a partir do potencial de subversão às normas que a psicanálise, e Freud ele mesmo, carregam. Concordamos, e vemos como uma alternativa possível à investigação a respeito do feminino, as concepções de Cromberg (1994; 1997; 2001/2012), que defende a positividade do feminino em seu lugar de faltante: lugar de enigma, não todo subjugado à lei simbólica, lei do pai. A mulher e seus enigmas consistem num furo na lógica masculina fálica erigida no social, mas é importante que esse furo seja positivado como potência, para que a feminilidade seja reconhecida e vivida, tanto por homens quanto por mulheres, e não recusada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALONSO, S. L. (2011) O tempo, a escuta, o feminino. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ALONSO, S. L. & FUKS, M. P. (2015) Histeria. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

AMBRA, P. (2016) A psicanálise é cismaterialista? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. *Revista Periódicus, Salvador*, v. 1, n. 5, p. 101-120.

APPIGNANESI, L. & FORRESTER, J. (2010) As mulheres de Freud. (trad. Nana Vaz de Castro e Sofia Maria de Souza Silva) Rio de Janeiro, RJ: Record.

ANDRÉ, S. (1998) O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Zahar.

BEAUVIOR, S. (1949/2016) O segundo sexo. Volume I – Fatos e mitos. 3 ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

COSSI, R. K. (2016) A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. [Orientador: Christian Ingo Lenz Dunker]

CROMBERG, R. U. (1994) O fantasma do fim da história e a positividade do princípio feminino. *Psicologia USP*, v. 5, n. ½, p. 197-219.

\_\_\_\_\_. (1997) Un corps qui tombe... un corps qui se relève. In: ANDRÉ, J. (Org.) *La féminité autrement*. Paris: S PUF.

\_\_\_\_\_. (2001/2012) Cena incestuosa. 2 ed. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda.

FLAUBERT, G. (1979) *Madame Bovary*. Tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Abril Cultural.

FLAX, J. (1990/1995) *Psicoanálisis y feminismo: Pensamientos fragmentarios*. Madrid, Ediciones Cátedra, Universitat de València, Instituto de la Mujer.

FOUCAULT, M. (1988) *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J. H. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

FREUD, S. (1893) Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.). Vol. I. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1972.

\_\_\_\_\_. (1895) Estudos sobre a histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.). Vol. II. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1897) 14 de novembro de 1897. In: MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud a Wilhem Fliess – 1887-1904*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 279-282.

\_\_\_\_\_. (1905) Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.). Vol. VII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.). Vol. IX. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

.

\_\_\_\_\_. (1912) Sobre a tendência à depreciação na esfera do amor. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.), Vol. XI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1918) Tabu da virgindade. . In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.), Vol. XI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1919) O Estranho. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.), Vol. XVII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.), Vol. XIX. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1925) Diferenças anatômicas entre os sexos. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.), Vol. XIX. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1931) Sexualidade feminina. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.), Vol. XXI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1933) A Feminilidade. . In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.), Vol. XXII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

KEHL, M. R. (1998/2016) Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2 ed. São Paulo: Boitempo.

LACAN, J. (1972-3/1993) Seminário XX. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

LAGO, M. C. de S. (2010) A psicanálise nas ondas dos feminismos. In: Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres.

MORAES, G. C. S.; COELHO JUNIOR, N. E. (2010) Feminino e Psicanálise: Um estudo sobre a literatura psicanalítica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 4, p. 791 800.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998) Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

RUBIN, G. (1975/1993). O Tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo. Recife: SOS. Corpo, p. 2- 32.

SOLER, C. (2005) O que Lacan dizia das mulheres. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

TUBERT, S. (1995) Introducción a la edición española. In: FLAX, J. *Psicoanálisis y feminismo. Pensamientos Fragmentários*. Madrid, Ediciones Cátedra, Universitat de Valênciac, Instituto de la Mujer. p. 15- 41.